

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

SUETHENE BARBOSA DE SOUZA

MARACATU DE BAQUE SOLTO LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA: uma expressão
de memória social da cultura popular na cidade do Recife.

Recife
2018

SUETHENE BARBOSA DE SOUZA

MARACATU DE BAQUE SOLTO LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA: uma expressão de memória social da cultura popular na cidade do Recife.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú

Recife

2018

DEDICATÓRIA

A meu companheiro de jornada Gilson, a meus filhos Pedro e Suenya, a Edna minha mãe, a Pedro meu pai, a meus irmãos João Paulo e Pedro Júnior, a minha irmã Cremilda, as minhas cunhadas em especial Amanda e por fim as minhas sobrinhas Edna Daiane, Stayce, Kiara, Yasmin, Evellyn e o meu sobrinho recém-chegado Ângelo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um trabalho difícil, pois sempre corremos o risco de esquecer alguém, dessa forma começo agradecendo a todos que já passaram na minha vida, pois cada um contribuiu um pouco para formar que eu sou.

Agradecendo a Deus, por sempre ter guiado meu caminho nessa vida, aos meus familiares que permaneceram ao meu lado durante toda caminhada, aos meus amigos maracatuzeiros que fiz e continuo fazendo nesse meu cortejo, aos amigos do Maracatu Leão do Norte da Várzea por tudo que já vivenciamos juntos em especial ao mestre João Caninha sempre lembrado por todos como Mestre do Leão do Norte da Várzea mesmo estando em outro maracatu.

Agradeço a minha mãe que sempre quis seus filhos no curso superior, pois bem mãe consegui entrar e agora sair da Universidade, ao meu pai Pedro o poeta marginal e meus irmãos e sobrinhos, aos meus filhos Suenya e Pedro Ivison e a minha cunhada Amanda Souza que me apoiaram e caminharam junto comigo na construção e formação do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

Agradeço em especial ao meu companheiro Gilson Pereira de Mendonça, pelo apoio que proporcionou nesses anos de graduação e por sempre está ao meu lado, e que se não fosse sua vontade de ter um maracatu talvez nunca teria escrito essa monografia.

Agradeço as minhas amigas que fiz na graduação Joice Dias e Adriana Silva, pela parceria construída pouco a pouco e que se estendeu além muros da Universidade, agradeço ainda a minha turma os BIBLIOLUCOS mesmo muitos não gostando desse nome ele nos indexa.

Minha gratidão vai ao Hélio Pajeú por ter acolhido o meu tema e ser meu orientador, agradeço por acreditar em mim e me incentivar, trago aqui a importância da disciplina políticas de informação e cultura ministrada por ele, pois foi a partir dessa disciplina que meu trabalho tomou forma. Obrigada!

“Qualquer sujeito pode fazer o que quiser desde que tenha alguém que acredite nele e o incentive”.

Hélio Márcio Pajeú.

RESUMO

O presente trabalho traz o maracatu de baque solto como uma expressão da memória social na esfera da cultura popular, caracterizando-o como objeto de pesquisa, como lugar de desenvolvimento e constituição de memória, posto que a Ciência da Informação, pela sua característica interdisciplinar, está conectada a outras áreas alimentando-se de diferentes conceitos e métodos que são tratados e utilizados a serviço da informação e considerando esse processo interdisciplinar dos profissionais que lidam com os registros e usos da informação estabelecendo uma ligação intensa com a memória. O objetivo geral é discutir o maracatu de baque solto na cidade do Recife como uma expressão de memória da cultura popular. Como objetivos específicos procuraremos refletir sobre as relações entre memória e cultura popular; caracterizar o Maracatu de Baque Solto como expressão da cultura popular presente no carnaval do Recife e; reconstituir a história do Maracatu Leão do Norte da Várzea como uma importante agremiação desse gênero na Região Metropolitana do Recife (RMR) por meio da sua memória social. O caminho metodológico se dá por um estudo de cunho exploratório e bibliográfico com reunião de textos acerca do tema geral: cultura popular, memória social e maracatu de baque solto. É caracterizada como uma pesquisa documental e como movimento de aproximação do objeto de estudo, optamos pela pesquisa etnometodológica a partir da etnográfica e da história oral e para a coleta de dados utilizamos da inserção da autora no campo de estudo e depoimentos dos sujeitos que compõe o Maracatu Leão do Norte da Várzea por meio de conversas e anotações no diário de campo essas conversas se deram pessoalmente e por meio do whatsapp, pelo qual os sujeitos enviavam áudios esclarecendo algumas perguntas feitas. Consideramos que o Maracatu Rural pode ser compreendido como uma manifestação da cultura popular que se insere no ciclo carnavalesco de Pernambuco. Destarte, sendo uma manifestação da cultura popular que organiza as atividades éticas de um grupo social, e tais manifestações constituem a sua história e a sua memória social.

Palavras-chave: Maracatu Rural. Memória Social. Maracatu Leão do Norte da Várzea. Memória

ABSTRACT

This actual paper brings Maracatu de Baque Solto as an expression of social memory in popular culture sphere, characterizing it as research object, as a development place and memory constitution, post which Information Science, for it's interdisciplinary character, it is connected to others subjects, feeding itself from different concepts and methods which are processed and used in service for information and considering this interdisciplinary process which professionals deals with information record and usage, establishing a strong connection with memory. The General Objective is to discuss Maracatu de Baque Solto as an expression of social memory in popular culture in Recife City. As Specific Objectives, we are reflecting on the relation between memory and popular culture; characterize Maracatu de Baque Solto as a popular culture expression present in Recife's street carnival and; reconstitute Leão do Norte da Várzea Maracatu's history as an important association of this genre in Recife's Metropolitan Region (RMR) from it social memories. The methodology is based on exploratory and bibliographic study, collecting texts and papers about the general subject: popular culture, social memory and Maracatu de Baque Solto. It's characterized as a documental research and as an approach movement to the study object, we chosen ethnomethodological research based on ethnography and oral history. For data collection we used the author's insertion in the study field and the testimony from members of Leão do Norte da Várzea Maracatu through conversations and notes in a field diary. These conversations were given in person or through WhatsApp audios, where some questions were clarified. We found Rural Maracatu can be seen as a manifestation of popular culture, which is in Pernambuco's Carnival circle. So, being a manifestation of popular culture which organized the ethical activities of a social group, and such manifestations constitute history and social memory.

Key Words: Rural Maracatu. Social memory. Leão do Norte da Várzea Maracatu. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sede do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	4
Figura 2. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, Polo Beberibe.	33
Figura 3. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Chevrolet Hall.	34
Figura 4. Apresentação do Maracatu no Congresso dos estudantes Encontro da Juventude, no centro de convenções em Olinda.	34
Figura 5. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, Summerville Beach Resort em Muro Alto.	35
Figura 6. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no palco do polo da Várzea.	36
Figura 7. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no condomínio em Pau Amarelo, Paulista.	37
Figura 8. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, comemoração 67 anos da UFPE.	37
Figura 9. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, polo da Torre.	38
Figura 10. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, polo de Brasília Teimosa.	38
Figura 11. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Encontro Estadual da AMBS na Praça Ilumiara Zumbi.	39
Figura 12. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Polo da Várzea.	39
Figura 13. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Encontro Estadual da AMBS na Praça Ilumiara Zumbi.	40
Figura 14. Mateu, Burra e Catirina do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	41
Figura 15. Mateu, Burra e Catirina do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	42
Figura 16. Fantasia do Caboclo de lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	44
Figura 17. Caboclo de lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	45
Figura 18. Concurso de Porta Estandarte.	46
Figura 19. Caboclos de Lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	47
Figura 20. Apresentação no Porto do Recife.	47
Figura 21. Calunga do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	48
Figura 22. Primeira Damas do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	49
Figura 23. A segunda Dama do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	49
Figura 24. Dama do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	50
Figura 25. Baianas do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	51
Figura 26. Baianas do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	51
Figura 27. Baianas crescendo junto com o Maracatu Leão do Norte da Várzea.	52
Figura 28. Arriamá do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	53
Figura 29. Arriamá do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	53
Figura 30. Primeira Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	54
Figura 31. Rei e Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	55
Figura 32. Rei e Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.	55
Figura 33. Bandeirista e bandeira do maracatu Leão do Norte da Várzea.	57
Figura 34. Bandeirista do maracatu Leão do Norte da Várzea.	58
Figura 35. Campeã concurso porta standarte da PCR categoria infantil.	58
Figura 36. Terno Maracatu Leão do Norte da Várzea.	59
Figura 37. Terno do maracatu leão do norte da várzea.	60
Figura 38. Mestre João Caninha Maracatu Leão do Norte da Várzea.	61

LISTA DE SIGLAS

AMBS	Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco	05
FECAPE	Federação Carnavalesca de Pernambuco	05
RMR	Região Metropolitana do Recife	07
CNF	Comissão Nacional de Folclore	12
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	12
CI	Ciência da Informação	16
RPA4	Região Político Administrativa IV	30
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica	31
PCR	Prefeitura da Cidade do Recife	32
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco	35
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco UFPE	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 CULTURA, MEMÓRIA SOCIAL E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	9
3 O MARACATU RURAL NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO RECIFE	18
3.1 DEFINIÇÃO, ORIGENS E DIFERENÇAS.....	18
3.2 O CARNAVAL DO RECIFE	23
3.3 O MARACATU RURAL EM PERNAMBUCO E NA CIDADE DO RECIFE.....	25
4. MARACATU LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA	30
4.1 A MEMÓRIA DO MARACATU LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA PELOS SEUS PERSONAGENS	40
4.1.1 Mateus, Burra e Catirina	40
4.1.2 Os caboclos de lança	42
4.1.3 Dama do passo, Calunga e as Baianas	48
4.1.4 Caboclo de Pena ou Arreiamá	52
4.1.4 A corte	54
4.1.5 O bandeirista	56
4.1.6 Orquestra	59
4.1.7 Mestre e Contra Mestre	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

“Boa Noite pra meu povo que eu cheguei com meu Leão, vim fazer a minha festa e mostrar minha Nação.” (Mestre João Caninha¹)

Figura 1. Sede do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Várzea 2018.

A identidade dos sujeitos é constituída pela sua memória e pela alteridade e assim começo essa conversa com uma loa do meu querido amigo e mestre do Maracatu Leão do Norte da Várzea João Caninha, como ele bem verbalizou eu vim fazer a minha festa e mostrar minha Nação.

Fui apresentada ao Maracatu Rural pelo meu companheiro Gilson Pereira de Mendonça no ano 2001, antes disso conhecia como a maioria das pessoas que

¹ Mestre do Maracatu Leão do Norte da Várzea em apresentação no Concurso das Agremiações da Prefeitura da Cidade do Recife na categoria aspirante no ano de 2011. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=BrhqrkCKQpg> > Acesso: 22.jun.2018

diferencia um maracatu do outro como aquele que tem os caboclos, ele por sua vez conheceu essa brincadeira ainda criança nas aulas de Artes e Cultura na escola de primeiro grau Vasco da Gama, em Casa Amarela, ministrada pela professora Antônia Batista e assim tomou gosto pelo caboclinhos e maracatus, mas não ficando de fora de outras atividades, e como a educação infantil reflete na vida adulta, mais tarde ele começou a participar como caboclo de lança no Maracatu Águia de Ouro de Casa Amarela, depois vindo a participar em diversos maracatus da cidade do Recife.

Quando eu o conheci já brincava como caboclo de lança no Maracatu Cruzeiro do Forte, e assim aos poucos fui conhecendo essa brincadeira, todavia nunca gostei de dançar ou de me fantasiar com os personagens, sempre fiquei nos bastidores, ajudando a bordar com lantejoulas a gola como é chamada a roupa do caboclo de lança, e depois me engajei mais com a participação do meu filho Pedro Iverson Barbosa de Mendonça e da minha filha Suenya B. de Souza B. Siqueira acompanhando-os nas apresentações.

E assim fui conhecendo pessoas, vivenciando histórias, participando de um mundo que antes não existia para mim, pois participar de um ensaio de sede ou de uma sambada era coisa totalmente desconhecida, assim como ainda é para muitas pessoas. Um certo dia, meu companheiro dividiu comigo o seu desejo e desafio de montar um maracatu. A princípio, fiquei assustada pois colocar um brinquedo na rua não é coisa fácil, mas também não é impossível, então tomei o seu desejo como também sendo meu.

Primeiramente, pensávamos em trazer um maracatu do interior para a capital, mas não foi possível, então conversando com amigos como senhor Zé de Barros que é mestre caboclo do Leão do Norte e na época fazia parte do Cruzeiro do Forte, Maria da Conceição mais conhecida como Ceça, presidente do Maracatu Cruzeiro do Forte, sem falar do saudoso Mestre Salustiano presidente do Maracatu Piaba de Ouro de Olinda, do Manoelzinho Salustiano filho de Salustiano e presidente da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS) e Manuel Mendes Presidente da Federação Carnavalesca de Pernambuco (FECAPE) que no início deram bastante apoio na concretização desse desejo.

Desse jeito fundamos o Maracatu Leão do Norte da Várzea, do qual me ocuparei mais adiante, e esse ritmo me acompanhou desde então em todas as esferas da minha vida. Ao me deparar com o Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia, me fiz o questionamento se seria possível estudar o maracatu como

objeto de pesquisa. Ao cursar a disciplina Políticas de Informação e Cultura, ministrada pelo professor Hélio Pajeú, tive a certeza de que seria possível juntar esses dois universos que fazem parte de minha vida: a ciência da informação e o maracatu de baque solto.

Resolvi arriscar para pensar essa manifestação como uma expressão da memória social na esfera da cultura popular. Destarte, penso ser possível caracterizar o maracatu como meu objeto de pesquisa nessa área, como lugar de desenvolvimento constituição de memória, posto que a Ciência da Informação, pela sua característica interdisciplinar, está conectada a outras áreas alimentando-se de diferentes conceitos e métodos que são tratados e utilizados a serviço da informação, assim os profissionais que lidam com o uso e registro da informação estabelecem ligações com a memória. Segundo Saracevic (1996, p. 42) “a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, é uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação”.

E para o autor são três as características gerais que constituem a razão da existência e da evolução da Ciência da Informação como segue: a natureza, interdisciplinar; a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação e por fim a CI é uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia. (SARACEVIC 1996)

Falar de memória social e cultura popular especificamente no universo do Maracatu Rural que é marcado por atividades de dança, música e canto de origens profanas e afro-indígenas, é complexo, pois suas práticas são portadoras de símbolos cujo significado remete a visão de mundo dos seus praticantes, chamados também de “brincantes”. A “brincadeira” manifesta-se nas ruas do Recife, sobretudo durante o carnaval, quando as ruas e avenidas da capital pernambucana são tomadas por agremiações de todo o Estado, onde os maracatus e suas práticas simbólicas em meio à globalização cultural são preservadas e passada de geração em geração.

Levando em consideração ainda o processo de interdisciplinaridade, os profissionais que lidam com os registros e usos da informação também estabelecem uma ligação intensa com a memória, que, do mesmo modo como acontece com a informação, não é objeto exclusivo de uma área de estudo, e vem sendo tratado por diversas outras (DODEBEI, 2002).

Nossa problemática se constitui a partir de uma questão singular: é possível

que nas manifestações da cultura popular, como o maracatu, repleto de sujeitos em interação, seja o lugar de constituição da memória social? Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é discutir o maracatu de baque solto na cidade do Recife como uma expressão de memória da cultura popular através do Maracatu Leão do Norte da Várzea. Para tanto, como objetivos específicos procuraremos refletir sobre as relações entre memória e cultura popular; caracterizar o Maracatu de Baque Solto como expressão da cultura popular presente no carnaval do Recife e; reconstituir a história do Maracatu Leão do Norte da Várzea como uma importante agremiação desse gênero na Região Metropolitana do Recife (RMR) por meio da sua memória social.

Nosso caminho metodológico se dá por um estudo de cunho exploratório, que segundo Michel (2009, p. 40) “é a fase inicial da pesquisa; busca o levantamento bibliográfico sobre o tema, com o propósito de identificar informações e subsídios para a definição dos objetivos”. Assim, como parte da pesquisa exploratória, num primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico em fontes primárias e secundárias como bases de dados, periódicos científicos, livros, teses e dissertações, sobre a temática.

A pesquisa se constitui como bibliográfica que segundo Fonseca (2002, p. 32) “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos, páginas de web sites” assim teremos como base uma reunião de textos acerca do tema geral: cultura popular, memória social e maracatu de baque solto. A coleta das informações será realizada através de levantamento e análise de ideias trazidas por artigos, teses, dissertações e livros que tratam a temática apresentada. Também pode ser caracterizada como uma pesquisa documental, uma vez que “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc”. (FONSECA, 2002, p. 32). Dessa forma a coleta se deu através de entrevista de jornais, fotografias, ata de fundação do maracatu, estatuto.

Como movimento de aproximação do objeto de estudo, optamos pela pesquisa etnometodológica a partir da etnográfica e da história oral. A etnografia pode ser entendida conforme Fonseca (2002) como o estudo de um grupo ou povo e suas características são: o uso da observação participante, a interação do pesquisador e

objeto pesquisado, a ênfase no processo e não nos resultados finais, a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências entre outros. Já a história oral é um caminho de coleta de dados que segundo Michel (2009, p. 55) “são métodos que utilizam como fontes de informação pessoas, em relatos escritos ou falados, cuja experiência de vida esteja diretamente relacionada com o objeto de estudo”. Para isso utilizamos da inserção da autora no campo de estudo e depoimentos dos sujeitos que compõe o Maracatu Leão do Norte da Várzea por meio de conversas e de anotações no diário de campo. As conversas se deram pessoalmente e por meio do whatsapp, pelo qual os sujeitos enviavam áudios esclarecendo algumas perguntas feitas.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresento o percurso que trilhei dentro do maracatu, descrevo minha aproximação pessoal com este universo como possibilidade de justificar sua escolha como tema, os objetivos e as estratégias metodológicas que utilizei ao longo desta pesquisa. O segundo capítulo faço uma breve discussão que relaciona Cultura, Cultura Popular, Memória Social e Ciência da Informação para fundamentar os nossos objetivos.

No terceiro capítulo discutirei a constituição do maracatu rural e a sua inserção como manifestação da cultura popular no carnaval do Recife promovendo um debate com a história sobre as origens do maracatu, como foi definido por diversos autores e discutindo as principais representações e conceitos formulados para entender o maracatu.

O quarto Capítulo apresento a história do Maracatu Leão do Norte da Várzea permeada pela memória dos seus integrantes e a partir dos seus personagens. O quinto capítulo trago minhas considerações finais acerca do assunto e espero com este estudo ter contribuído, ao menos em parte, para uma maior compreensão a respeito das culturas populares em especial o maracatu rural, mostrando que nós bibliotecários como mediadores culturais temos que olhar para outros objetos que constitui a informação e memória que não só os livros e as bibliotecas.

Com isso, desejo ao leitor que ao entrar nessa minha festa, nesse meu brinquedo, que venha com o coração aberto para se divertir, para sentir essa minha loa.

2 CULTURA, MEMÓRIA SOCIAL E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A cultura cada vez mais vem tendo uma maior atenção da atualidade, possui vários significados como: cultura popular, cultura nacional, cultura erudita entre outras, assim por cultura podemos entender muitas coisas, possuindo diversos significados que foram sendo aprimorados com o passar dos tempos sendo construído diversos conceitos.

Cultura foi modificando seus conceitos e características no decorrer dos tempos, estando relacionada, nas sociedades antigas, às condições da natureza e ao uso da terra juntamente com seus meios de produção, assim conforme Bossi (1993) cultura é palavra de origem latina derivado do verbo *colo*, e significava, “aquilo que deve ser cultivado”

Para Santos (1994) cultura é uma palavra de raiz latina com significado original que está ligado às atividades agrícolas, vindo do verbo latino “*colere*”, que quer dizer cultivar. O autor ainda apresenta duas visões de cultura, uma dá atenção aos aspectos da realidade social assim cultura é tudo aquilo que tem a ver com a existência social de um povo ou nação, tratando das características de uma realidade social.

E a outra diz respeito ao conhecimento, ideias e crenças de um povo, e como eles existem na vida social, o autor nos lembra que as duas compreensões nos induzem a ver a cultura como uma realidade parada, negando sua essência dinâmica e assim ele discorre: “se a cultura não mudasse, não haveria o que fazer senão aceitar como naturais as suas características e estariam justificadas, assim, as suas relações de poder” (Santos, 1994, p. 83).

Ullmann (1991) nos dá dois sentidos em relação a cultura: cultura no sentido amplo que diz respeito a forma como os homens se desenvolveram e se desenvolvem reunidos em sociedade.

E cultura no sentido restrito, que diz respeito a forma global que determinado povo participa. Assim ele define cultura como “a superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma” (Ullmann, 1991, p.84).

A cultura não vem naturalmente, cultura é uma construção, é o fruto da vida humana, “a cultura ao mesmo tempo liberta e restringe, promove e coíbe, desvencilha e impõe freios” (Ullmann, 1991, p. 89).

A partir da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais do México² em 1982, e reafirmado na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO³ em 2002 que conceitua cultura no seu sentido mais amplo, “como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social”. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças que envolvem todas as manifestações dos povos. Nesse sentido, a cultura popular ganhou mais força ao ter a importância das suas ações reconhecida numa esfera oficial.

A palavra “popular” tem origem no latim, pelo termo *populus*, a palavra popular é um adjetivo e assim qualifica aquilo que pertence ou é relativo ao povo aceitando dentro do mesmo universo vários sentidos como: promovido pelo povo; que representa a vontade do povo; relativo a povo; próprio do povo; que é usado ou comum entre o povo.

Por sua vez a palavra povo em sua origem referia-se a classe plebeia de uma população, assim a palavra é utilizada como conjunto⁴ de indivíduos que têm a mesma origem, a mesma língua, que partilham instituições, tradições, costumes e um passado cultural e histórico comum, mas não há um consenso em torno da palavra.

O que dizer do conceito de cultura que conforme Burke (2008) é tão controverso que já foi usado para se referir a “alta” cultura onde se relacionava com a literatura acadêmica, música clássica e ciências, depois incorporando a “baixa” cultura, ou cultura popular com a inclusão das práticas populares como literatura de cordel, canções folclóricas, medicina popular.

Assim como para Chauí (2008, p.58) também não é um conceito tranquilo basta lembrarmos os três tratamentos principais que ela recebeu.

O primeiro, no Romantismo do século XIX, afirma que cultura popular e a cultura do povo bom, verdadeiro e justo, ou aquela que exprime a alma da nação e o espírito do povo; o segundo, vindo da Ilustração Francesa do século XVIII, considera cultura popular o resíduo de tradição, misto de superstição e ignorância a ser corrigido pela educação do povo; e o terceiro, vindo dos populismos do século XX, mistura a visão romântica e a iluminista; da visão romântica, mantém a ideia de que a cultura feita pelo povo só por isso é boa e verdadeira;

² Declaração do México, 1982. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Declara%C3%A7%C3%A3o-Confer%C3%A2ncia-Mundial-sobre-Pol%C3%ADticas-Culturais-Mondiacult-M%C3%A9xico-1982.pdf>> Acesso em: 21 maio 2018.

³ Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 21 maio 2018.

⁴ Povo in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/povo>> acesso em 08.jun.2018

da visão iluminista, mantem a ideia de que essa cultura, por ser feita pelo povo, tende a ser tradicional e atrasada com relação ao seu tempo, precisando, para atualizar-se, de uma ação pedagógica, realizada pelo Estado ou por uma vanguarda política.

Atualmente, o conceito de cultura tem um sentido amplo, que abrange tudo que pode ser absorvido em uma sociedade – desde artefatos (imagens, ferramentas, casas entre outros) até práticas cotidianas (comer, beber, andar, falar, ler) (BURKE, 2008, p.42).

Vivenciar a cultura e ao mesmo tempo estudá-la nos faz entender um pouco o processo e as diferenças por vezes sutis que a envolve, entre os séculos XVII e XVIII, não havia uma separação clara entre a cultura erudita e cultura popular, as duas se confundiam, como aponta Ortiz (1985), até meados do século XVII o limite entre cultura popular e cultura de elite não estava bem demarcado, devido a nobreza participar das crenças religiosas, das superstições e dos jogos.

No entanto, o diálogo entre elite e povo não era igual, “a gente culta não associava baladas, livros populares e festas à gente comum, precisamente porque também participava, ela mesma, dessas formas de cultura” (BURKE, 2010, p. 55), o povo não fazia parte do que vivia a elite.

Pouco a pouco foi acontecendo o distanciamento das duas culturas e, assim a valorização da cultura popular vem no momento que a Europa vivia profundas transformações da vida social ao final do século XVIII e início do século XIX essa valorização da cultura popular se dá através dos intelectuais românticos que buscavam as tradições populares para construir uma identidade nacional e entre esses românticos estão os alemães Jacob e Wilhelm Grimm “os irmãos Grimm” que com interesse nas tradições populares fizeram coletas de contos através de camponeses identificando-as com local de onde ouviram as histórias, eles foram de grande influência para a cultura na perspectiva de folclore popular pois de acordo com Matos (2010, p.79) os “estudos de caráter folclórico, [...] tiveram como paradigma as pesquisas dos irmãos Grimm”.

E Martin-Barbero (2009, p.36) destaca três inícios para a descoberta do povo pelos românticos sendo elas a exaltação revolucionária, o surgimento do nacionalismo e sua exaltação e pôr fim a reação contra a ilustração em duas frentes: a política e a estética.

Cunhado em meados do século XIX o termo folclore⁵ – folk (povo), lore (saber) criado pelo inglês Ambrose Merton – pseudônimo de Willian John Thoms em 22 de agosto de 1846. O termo identificava o saber tradicional do povo preservado pela transmissão oral entre os camponeses substituindo termos com o mesmo objetivo como: “antiguidades populares”, “literatura popular”.

A definição usada pela Comissão Nacional de Folclore-CNF (1951), que se orienta pela UNESCO, com releitura no VIII Congresso Brasileiro de Folclore em dezembro de 1995 folclore é o

conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO⁶

A sobrevivência do conhecimento peculiar do povo e as suas tradições foram proporcionada através dos estudos do folclore e assim Canclini (2008, p. 211) discorre que “O folk é visto [...] como uma propriedade de grupos indígenas ou camponeses isolados e auto-suficientes, cujas técnicas simples e a pouca diferenciação social os preservariam de ameaças modernas.”

Nos estudos folclóricos o interesse se constituiu em volta dos bens culturais como: músicas, lendas e objetos não havendo uma interação com os sujeitos “Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação” (Canclini, 2008, p. 211).

A relação do folclore com a cultura popular, para Ortiz (1985, p.71) se dá na interpretação do folclore como manifestações tradicionais e cultura popular como as transformações, desse modo cultura popular se separa do folclore e “se reveste, portanto de uma nova conotação, significa sobretudo função política dirigida em

⁵ Carta publicada em *The Athenium*, Londres, em 22 de agosto de 1846 por William John Thoms (Ambrose Merton). Disponível em: <http://www.unicamp.br/folclore/carta_folk.html> Acesso em: 08.jun.2018

⁶ Carta do Folclore Brasileiro. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em 08.jun.2018

relação ao povo” (ORTIZ, 1985, p. 72). O popular não se concentra nos objetos também não é monopólio dos setores populares Canclini (2008)

Acompanhando a evolução das ciências humanas e sociais Cavalcanti (2002, p.5) discorre:

A noção de cultura não é mais entendida como um conjunto aleatório de comportamentos, mas sim como sistemas de significados permanentemente atribuídos pelos homens e mulheres ao mundo em que vivem. Uma peça de cerâmica é mais do que o material de que é feita, ou a técnica com que é trabalhada. É um elo entre homens e mulheres. Uma festa é mais do que sua data, suas danças, seus trajes e suas comidas típicas. Sua materialidade veicula visões de mundo, integra um conjunto tenso e dinâmico de relações sociais.

Hall (2003) aponta por onde começar o estudo da cultura popular, pelo movimento de conter e resistir e que o estudo da cultura oscila nos polos da dialética da contenção/resistência. “A cultura popular não é, num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas”. (HALL, 2003, p. 249).

Existe uma divisão social de classes pelos homens o lugar onde ele se insere na sociedade que é o ponto de partida de suas manifestações culturais assim:

A sociedade de classes institui a divisão cultural recebendo nomes variados como: cultura dominada e dominante, opressora e oprimida, de elite e popular “ seja qual for o termo empregado, o que se evidencia é um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de cultura formal, ou seja, a cultura letrada e a cultura popular que corre espontaneamente nas veias da sociedade” (CHAUÍ, 2008, p. 58).

Contudo podemos entender cultura popular como as manifestações artísticas criadas e consumidas pelo povo e assim consideramos que o Maracatu Rural pode ser compreendido como uma manifestação da cultura popular que se insere no ciclo carnavalesco de Pernambuco. Destarte, sendo uma manifestação da cultura popular que organiza as atividades éticas de um grupo social, tais manifestações constituem a sua história e a sua memória social.

A palavra memória tem origem no termo latino memoria de MEMOR, “aquele que se lembra” e no grego Mnemosyne, assim era identificada a “musa mãe”, filha de Urano, deus do céu e das estrelas e de Gaia, deusa da Terra, mulher de Zeus, o deus

dos deuses, mãe de nove musas que protegiam todas as artes e ciências, as nove filhas de Mnemosine eram: Clio (história), Euterpe (música), Talia (comédia), Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Erato (elegia), Polínia (poesia lírica), Urânia (astronomia) e Calíope (eloquência). Assim, de acordo com essa construção mítica, a história é filha da memória. (SOUZA, SILVA e OLIVEIRA, 2016, p.3)

Segundo Chauí (2009) A deusa da memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e lembrá-lo para coletividade tinha também o poder de imortalizar artistas e historiadores que ao criar suas obras eram mantidos inesquecíveis.

Mesmo antes do advento da escrita as civilizações antigas necessitavam eternizar os acontecimentos fato que levou o homem a narrar suas histórias acontecidas ou inventadas, esses registros se davam a partir da memória do povo através de transmissão oral e esse desejo de perpetuar suas histórias, costumes e tradições ficavam eternizadas no imaginário popular, assim essas histórias narradas permitiam que as civilizações não se perdessem eternizando os acontecimentos evitando assim a morte do passado ou o seu desaparecimento no silêncio do esquecimento.

E assim “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Memória é essencialmente um ato de evocação, isto é, o ato de recuperar mentalmente a imagem; portanto, é um ato de representação do real que se dá através de imagens mentais, pois o passado enquanto tal não volta. Ele retorna apenas na lembrança a evocação/lembrança dessa imagem se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser de natureza iconográfica, fotográfica, álbuns, etc.; de natureza objetual, com os diversos tipos de objetos materiais associados a uma determinada memória e que compõe o universo dos bens ou patrimônios materiais; de natureza perceptiva e sensorial, quando desencadeada por idéias/associações, e de natureza do universo da “memória dos sentidos”, sons, ruídos e cheiros que compõem o rico e diversificado universo denominado de bens ou patrimônios imateriais.” (FELIX, 2002, p. 23)

Memória não é apenas um mecanismo onde se armazena ou guardam-se informações ou lembranças, mas também pode ser entendida como uma representação de algo já ocorrido, por meio de transformações ou alterações que ela

pode sofrer onde está guardada e que conforme Pereira, (2011, p. 23) podemos entender memória como “[...] a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis tanto no cérebro como em outros mecanismos artificiais, [...] é através dela que damos significado ao cotidiano”. Deste modo, ela pode ser considerada

[...] como a capacidade de um sistema complexo, seja ele vivente ou artificial, de armazenar informações, de modificar, com base nessa, a própria estrutura, de modo que cada tratamento sucessivo de novas informações seja influenciado pelas aquisições precedentes. Num sentido comum por memória entende-se a faculdade humana de conservar traços de experiências passadas e, pelo menos em parte, ter acesso a essas pelo veio da lembrança. (TEDESCO, 2014, p. 37)

E que conforme Felix (2002) o tema memória se divide em três grandes grupos, memória individual, memória coletiva e memória nacional. Sendo a memória individual a história de vida de cada indivíduo, a memória coletiva ou social a memória ou lembranças de um grupo situado espacialmente e temporalmente. Podendo essas memórias terem cunho político, mítico simbólico, entre outros, e se aplica em dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Já a memória nacional entendida também como memória oficial, aponta um caráter mítico e heroico.

Os debates atuais no campo da Ciência da Informação (CI) exploram os aspectos sociais que circundam o fenômeno informacional. Considerando as práticas e políticas que orientam o suas dinâmicas, complexidades, diversidades e intersubjetividades. Assim Araújo (2003, p. 25) afirma que:

questão da intersubjetividade conformada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação. Os sujeitos precisam, necessariamente, ser incluídos nos estudos sobre informação e, sobretudo, precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais.

É importante preservar um determinado objeto, independente do seu suporte, pois consideramos que ele faça parte de um patrimônio ou por constituir o registro material da cultura e da expressão artística da sociedade onde está inserido. (PEREIRA, 2011, p. 24). A nossa Constituição de 1988 expõem em seu Art. 216 que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos

formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 123).

E a mesma estabelece em seu Art. 23 que: “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; [...]” (BRASIL, 1988, p. 18).

As manifestações culturais estão fortemente ligadas à questão da memória social e aos processos de significação de um povo. A memória está relacionada a várias áreas como a Educação, a Psicologia, História, entre outras, mas nesse trabalho será discutida nos aspectos teóricos da Ciência da Informação, assim apresentarei duas formas de olhar a memória na CI uma mais positivista que parte do registro em documento e outra que trata das relações dos sujeitos que é a memória social.

Assim a memória na ciência da informação “aproxima-se mais do conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana” (GALINDO, 2011, p.8). O autor ainda ressalta que “Não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, antes busca entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação”.

E que de acordo com Tavares (2014, p.40) “Na Ciência da Informação a memória está diretamente ligada à informação registrada, independente de suporte e formato, sendo esta de suma importância na construção da memória social e coletiva do presente para o futuro.” E assim “A informação registrada tem no documento sua importância para a memória social, seja na reconstituição da memória ou para a formação de identidades através desses registros, o que exige sua organização, preservação e divulgação”. (TAVARES, 2014, p.46).

Três são as características gerais que constituem a razão da existência e da evolução da CI; outros campos compartilham-nas. Primeira, a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada. Segunda, a CI está

inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia. Essas três características ou razões constituem o modelo para compreensão do passado, presente e futuro da CI e dos problemas e questões que ela enfrenta.

3 O MARACATU RURAL NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO RECIFE

3.1 DEFINIÇÃO, ORIGENS E DIFERENÇAS

O maracatu é um ritmo musical tradicional do nordeste brasileiro e desenvolveu-se há mais de 400 anos, com raízes da música e tradição dos escravos vindos da África. Existe três tipos de maracatu, ambos representantes nas manifestações que constituem o carnaval pernambucano e nordestino, são eles: o Maracatu Nação, também conhecido Maracatu de Baque Virado, o Maracatu Rural conhecido como maracatu de Baque Solto ou Maracatu de Orquestra, e o Maracatu Cearense.

Não se tem um consenso em relação ao significado do termo maracatu, pois os autores convergem entre si a respeito do seu significado, assim Fernandes (1937, p. 68) considera que maracatu vem da expressão muracatucá ou maracatucá com o significado de “vamos debanar”.

Andrade (1959), relaciona algumas possibilidades acerca da origem da palavra maracatu, entre elas uma provável origem americana: Maracá - instrumento ameríndio de percussão muito conhecido; Catu - bom, bonito em tupi; Marã - guerra, confusão; Marãcátú que depois vira marãcátú por assimilação sendo assim guerra bonita, a briga de enfeite reunindo ao mesmo tempo o sentido festivo e guerreiro do termo (1959, p. 137).

Guerra-Peixe (1980, p. 31), discorda de Andrade (1959) e comenta que “o vocábulo ‘maracatu’ não nos parece derivar de expressões ameríndias, mas nomeava uma forma particular de batuque sob o seu aspecto precisamente rítmico”. Enquanto Costa (2004, p. 226), escreve que “o maracatu é propriamente dito um cortejo régio, que desfila com toda a solenidade inerente à realeza, e revestido, portanto, de galas e opulências”.

A palavra Maracatu⁷, pode ter se originado de uma senha combinada para anunciar a chegada de policiais, que vinham reprimir as brincadeiras nos pátios das igrejas, a senha era anunciada pelos toques dos tambores emitindo o som: maracatu/maracatu/maracatu.

⁷ FUNDAJ. Maracatu. Disponível em: <
<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=309&textCode=885&date=currentDate> > Acesso em: Acesso em: 23.mar.2018

Na linguagem popular, a palavra maracatu é empregada para expressar confusão; desarrumação; fora de ordem, dando respaldo ao pressuposto da origem dessa palavra. No entanto, sua origem e história não é certa, pois alguns autores ressaltam que o maracatu nasceu nos terreiros de candomblé, quando os escravos reconstituíam a coroação dos Reis do Congo e com o advento da abolição, este ritual ganhou as ruas, tornando-se um folguedo carnavalesco.

Assim, se antes a palavra era designativa de certo batuque, utilizar o termo maracatu requer, uma distinção entre o baque solto e o virado, entre os grupos conhecidos por maracatu rural e aqueles nominados maracatu nação, conforme fez Guerra-Peixe: “toque’ vem a ser a execução individual, coletiva e a festa musical do Maracatu. ‘Toque virado’, ‘baque virado’, ‘toque dobrado’ e ‘baque dobrado’ são expressões que indicam a música de percussão dos conjuntos em que participam mais de um zabumba” (1980, p. 79).

Deste modo, Baque virado é o ritmo utilizado pelo Maracatu Nação caracterizado, principalmente, pela percussão forte, que teve origem nas congadas, cerimônias de coroação dos reis e rainhas da Nação negra, sua percussão formada por tambores grandes, chamados de alfaias, caixas, taróis, ganzás e um gonguê. Conforme Pereira (2017, p.14)

Ao entrar em contato com a religião católica, os africanos fizeram associações entre os santos católicos e as divindades africanas. Uma delas foi a de Nossa Senhora do Rosário. A imagem da Santa tem, ao redor do pescoço, um colar de rosas (rosário), similar ao colar de Ifá (orixá que previa o futuro). Assim, os escravos que chegaram à Europa no séc. XV passaram a ser devotos de Nossa Senhora do Rosário. Com isso foi criada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Mesmo escravizados, os negros construíam igrejas em homenagem à Santa onde se estabeleciam. Uma vez por ano, no dia 7 de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário, os escravos tinham folga. Nesse dia, faziam o ritual de coroação do rei e da rainha da irmandade. (PEREIRA 2017, p.14)

Segundo Ferreira (1986), as festas em honra dos Reis Magos foram instituídas no Brasil pelos missionários catequistas, que encontraram nas cores distintas que caracterizavam aquelas figuras da história do Nascimento de Jesus, um ponto para a conversão dos elementos indígenas e negros à fé cristã. Tendo o Rei Bronzeado para os caboclos, o Rei Negro para os negros importados da África e o Rei Branco como elemento de adoração dos portugueses. (1986, p.15-16)

Conforme Esteves (2006) maracatu nação tem sua origem nas festas de coroação

dos Reis do Congo que aconteciam nos séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo como uma forma de expressão cultural dos negros e uma espécie de controle dos senhores sob seus escravos.

O Maracatu Nação⁸, tem como seguidores os devotos dos Cultos Afro-brasileiro da linha Nagô, a boneca usada nos cortejos chama-se Calunga, ela encarna a divindade dos orixás, a música vocal denomina-se toadas e inclui versos com procedência africana. Seu início e fim são determinados pelo som de um apito. O tirador de loas é o cantador das toadas, que os integrantes respondem ou repetem ao seu comando. O instrumental é constituído pelo gonguê, tarol, caixa de guerra e alfaias.

É formado pelas seguintes figuras: rei, rainha, dama-de-honra da rainha, dama-de-honra do rei, príncipe, princesa, ministro, embaixador, duque, duquesa, conde, condessa, vassallos, damas-de-paço (que portam as calungas durante o desfile do maracatu), porta-estandarte, escravo sustentando a umbrela ou pálio (chapéu-de-sol que protege o casal real e que está sempre em movimento), figuras de animais, guarda-coroa, corneteiro, baliza, secretário, lanceiros, brasabundo (uma espécie de guarda costa do grupo), batuqueiros (percussionistas), caboclos de pena e baianas.

Já o Baque Solto é o ritmo utilizado pelo Maracatu Rural que tem compasso rápido de chocalhos, percussão unissonora e acelerada do bombo (surdo), acompanhada da marcação do tarol, do ronco da porca (cuíca), da batida do gonguê, do barulho típico do mineiro (ganzás), um solo de trombone, e outros instrumentos de sopro como trompete, corneta, saxofone ou clarineta e que a essa orquestra é dado o nome de terno, e esses instrumentos juntos dão características musicais próprias e bem diferenciadas dos maracatus nação. Nascimento (2005, p.93) dá outras denominações ao Maracatu de Baque Solto, tais como: Maracatu de Trombone, Maracatu Moderno, Maracatu Ligeiro, Maracatu de Caboclo, Maracatu de Baque Singelo são outras denominações para o Maracatu Rural, Maracatu de Baque Solto ou de Orquestra como diz Real (1990).

Guerra-Peixe (1980), acredita que os maracatus-de-orquestra se originam da fusão dos folguedos da Zona da Mata e de variações dos Maracatus tradicionais.

⁸ JC ON-LINE. Guia do Recife.Raizes Culturais. Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/JC/servicos/guiarecife/cultura.htm> >. Acesso em 23.mar.2018

Outra origem defendida Trigueiro, Benjamim (1978) é de que seria uma transfiguração dos grupos chamados Cambindas⁹ acrescentando elementos de outros folguedos. E que segundo Nascimento (2005) teria “forte respaldo no fato de que os dois mais antigos maracatus do gênero em atividade chamam-se Cambindinha de Arassoíaba (fundado em 1914), e Cambinda Brasileira do Engenho Cumbe (fundado em 1918)” (NASCIMENTO 2005, p.94), a autora destaca que cambinda também é tipo de peixe e encontra-se representado nos estandartes das agremiações.

Ao contrário dos Maracatus Nação, que têm suas origens em cortejos de reis africanos, “o surgimento do Maracatu de Baque Solto situa-se entre os fins do século XIX e início do século XX. Porém, por sua origem rural seu processo de surgimento praticamente não foi documentado” (VICENTE 2005, p.28).

De acordo com Silva (2005), o Maracatu Rural é uma brincadeira de origem indígena, do início do século XX, formado nos canaviais da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Segundo o autor, ele foi se formando aos poucos, pegando “um pouco de cada brinquedo que o povo conhecia: um cadinho de Reisado, um tanto de Cavalinho Marinho, um outro tanto de Bumba-meu-Boi e outro de Caboclinho” (SILVA, 2005, p. 22).

O Maracatu de Baque Solto é uma espécie de fusão de elementos dos vários folguedos populares das cidades próximas aos engenhos de açúcar além de agregar a ele influências indígenas. Assim Silva (2012) esclarece que a

política de respeito aos índios, preconizada desenvolvida e defendida pelo general Candido Rondon, pode ter dado coragem aos caboclos¹⁰ da Zona da Mata de Pernambuco a se apresentarem para a sociedade, criando um brinquedo que se fundia as diversas tradições que traziam consigo. Nas matas estavam os índios, dos canaviais surgiam os caboclos. Caboclos que viviam como moradores dos engenhos começaram a se vestir de índios a saírem anunciando, com barulho de chocalhos presos em suas costas, a sua chegada. Carregavam nas mãos pedaços de madeira, que diziam ser uma lança e a enfeitavam. Cobriam suas cabeças com chapéus afunilados. (SILVA 2012, p.48)

Nos maracatus de Baque Solto, encontramos elementos de dança, música, poesia, arte, identidade, religiosidade, brincadeira, está ligado às antigas tradições e divertimentos

⁹ Folguedo afro-brasileiro que tem sua origem nas festas do Rosário. Sua estrutura, semelhante à do maracatu, é composta geralmente de: corte real, porta-estandarte, dama da boneca, que conduz Dona Leopoldina (totem em forma de boneca), mestre e contramestre, vassallos e as cambindas - originalmente homens que se apresentavam com roupas de mulher, à semelhança dos trajes de baiana, com adaptações locais. (Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira)

¹⁰ Os habitantes dos lugares onde existiram antigos aldeamentos passaram a ser chamados de caboclos, condição muitas vezes assumida por eles para esconder a identidade indígena diante das inúmeras perseguições. (SILVA, 2008)

dos trabalhadores dos engenhos da Zona da Mata Norte/ PE.

Conforme Silva (2012), nos momentos de festa e de folga da dura lida nos canaviais, grupos sociais de diferentes localidades e etnias se reuniam para “sambar” nos terreiros dos engenhos, trazendo consigo suas tradições, crenças, criatividade, tensões e formas de brincar, de viver e de ver o mundo.

Em entrevista ao Jornal do Commercio (2018) em comemoração aos 100 anos do Maracatu Cambinda do Cumbe Maria Alice Amorim refere-se a maracatu de baque solto como:

Uma brincadeira híbrida e complexa, cheia de influências e confluências. Saiu da senzala com sua tradição africana, mas também recebeu forte influência indígena, identificada pelo culto à Jurema e a presença do índio arriamá. O baque solto também se caracteriza pelo ritmo, a música bruta, a presença do poeta que improvisa versos, os instrumentos (terno) que acompanham o poeta, aponta a jornalista e pesquisadora Maria Alice Amorim, estudiosa do tema desde 1987 e coordenadora do Dossiê de Baque Solto de candidatura do maracatu, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil conquistado em 2014 (JORNAL DO COMMERCIO, 2018).

O Maracatu de Baque Solto é uma espécie de fusão de elementos dos vários folguedos populares, como pastoril, cavalo marinho, bumba-meu-boi, reisado, caboclinho e outros, que vêm às ruas das cidades próximas aos engenhos de açúcar como: Goiana, Nazaré da Mata, Carpina, Palmares, etc, como afirma Guerra-Peixe, os maracatus-de-orquestra se originam da fusão dos folguedos da Zona da Mata e de variações dos Maracatus tradicionais (GUERRA-PEIXE, 1980).

A música do Maracatu Rural é chamada de “samba de matuto” onde os versos se assemelham com o do aboio e do repente. (ASSIS, 1996) A improvisação própria deste tipo de música, permite que os Mestres deem sua opinião sobre diversos assuntos. “Isso confere a essas loas um caráter dinâmico possibilitando que o mestre imprima sua marca pessoal, conquiste o respeito dos demais e acrescente autoridade à sua figura (NASCIMENTO, 2005, p.97)

O Maracatu de Baque Solto ou Rural, tem como seguidores os trabalhadores rurais, a música vocal denomina-se loas inclui versos de improviso e a pessoa responsável pelas loas é o mestre de apito, e seu início e fim são determinados pelo som de um apito. O mestre é o cantador das loas, que é respondido pelo seu contramestre ou por um coro de mulheres.

3.2 O CARNAVAL DO RECIFE

A primeira manifestação de carnaval no Brasil foi o entrudo¹¹ trazido pelos portugueses e ficou mais popular no Brasil com chegada da família real. Tal manifestação se tratava de um folguedo alegre, porém, violento. Existia várias formas de brincar o entrudo, na rua ou em ambientes privados, como por exemplo nas casas dos senhorios, com estilo suave ornado pelo costume de jogar perfumes ou limas de cheiro nos familiares ou amigos. Já nos ambientes públicos, nas ruas e praças, se caracterizava uma brincadeira mais intensa, com arremesso de goma, ovos, pó de carvão, água suja ou dejetos em quem passasse nas ruas.

Sua designação refere-se ao período que introduz a quaresma, uma vez que acontecia nos três dias anteriores à quarta-feira de cinzas. Mais tarde passou a ser denominado como carnaval e assim pouco a pouco foi abandonado e os olhares se voltavam aos carnavais das cidades da Europa, como Paris, Nápoles, Roma e Veneza, nas quais ocorriam bailes, danças, músicas, salões iluminados, banquetes, cortejos e desfiles de máscaras e trajes luxuosos pelas ruas das cidades.

Conforme Roberto Benjamin (2002, p. 25) “o carnaval é um período limitado e repetido todos os anos na mesma época, no qual se provoca uma ruptura da ordem social e a inversão de valores e papéis, caracterizada na expressão ‘o mundo pelo avesso’, tem raízes em tradições milenares da Europa Ocidental”. Para Bakhtin, se trata de uma festa libertária, posto que seja

isenta de todo sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc.). É a festa que, libertando de todo utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente num universo utópico. É preciso não reduzir a festa a um conteúdo determinado e limitado (por exemplo, a celebração de um acontecimento histórico), pois na realidade ela transgride automaticamente esses limites. É preciso também não arrancar a festa do corpo, da terra, da natureza, do cosmos (BAKHTIN, 2008, p. 241).

Conforme Araújo (1997) a partir de meados do século XIX, surgiram as sociedades carnavalescas, formadas por membros das elites, cujo os sócios apareciam mascarados, desfilando em carros de alegoria e crítica os representantes no Recife eram: Asmodeu, Garibaldina, Comuna Carnavalesca, Azucrins, Os

¹¹ Carnaval em sua primeira manifestação no Brasil. Os participantes trocavam, pelas ruas, arremessos de baldes de água, limões-de-cheiro, ovos, tangerinas, pastelões, luvas cheias de areia, esbordoavam-se com vassouras e colheres de pau, sujavam-se com farinha, gesso, tinta, etc. Entrou em declínio no Brasil em 1854, por repressão policial, dando lugar ao moderno carnaval. (Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira)

Philomomos, Cavalheiros da Época, Fantoques do Recife, Clube Cara Dura, Seis e Meia do Arraial, dentre outros. Tais clubes entraram em decadência no início do Século XX o que não ocorreu com as camadas populares, que continuaram a ocupar as ruas com seus brinquedos e suas diversões, sendo alvo do desprezo das elites, de críticas por parte da imprensa e sofrendo repressão policial, pois, para eles esses segmentos eram sinal de ignorância e de atraso socioeconômico, sem falar do perigo à ordem pública. No Recife, além do Entrudo, o povo entregava-se aos sambas, aos maracatus e às cambindas, divertiam-se com o Rei do Congo, os fandangos e o bumba-meu-boi.

Araújo (1997) lembra que no Recife, a partir de 1880, década da abolição da escravidão e proclamação da República no Brasil, teve um aumento no número de agremiações carnavalescas populares nas ruas, formadas por trabalhadores urbanos, artífices e artesãos, operários, caixeiros, feirantes, domésticos e que ao se apresentarem atraíam gente desocupada, vadios, moleques de rua, capoeiras. Essas agremiações eram denominadas de clubes carnavalescos pedestres, que eram acompanhados pelas bandas de música ou orquestras de metais que executavam as marchas carnavalescas, mais tarde denominadas por marchas pernambucanas e, finalmente, por frevo. Os clubes pedestres do Recife adotaram por nomenclatura termos evocativos do trabalho ao qual estavam acostumados, tais como: Caiadores, Caninha Verde, Vassourinhas, Pás, Lenhadores, Vasculhadores, Espanadores, Ciscadores, Ferreiros, Empalhadores do Feitosa, Suineiros da Matinha, Engomadeiras, Parteiras de São José, Cigarreiras Revoltosas, Verdureiros em Greve dentre outros, vale salientar que em um carnaval que brigas e desavenças, era frequentes as rivalidades entre as agremiações provocando terríveis confusões, resultando até mesmo em mortes. No vaivém dos clubes e troças, nasceram o frevo e o passo pernambucanos. Por convenção o frevo nasceu em 1907, ano em que foi encontrado o primeiro registro da palavra frevo em um jornal local, o Jornal Pequeno, na edição de 9 de fevereiro de 1907.

Conforme Araújo (1997) a oficialização do carnaval no Brasil se dá a partir de 1930, e as manifestações culturais advindas das camadas populares tem reconhecimento como expressão de grande força do carnaval, em várias regiões do país.

3.3 O MARACATU RURAL EM PERNAMBUCO E NA CIDADE DO RECIFE

A partir da década de 30, o Maracatu Rural chega ao Recife levado pelos trabalhadores rurais que se deslocaram do campo para a Região Metropolitana do Recife devido a mudanças na política agrícola da cana de açúcar. Esses indivíduos passaram a se adaptar à vida na cidade grande, trabalhando como vendedores informais, operários, pedreiros, ocupando bairros da periferia como Casa Amarela. (VICENTE, 2005, p.33).

Guerra-Peixe (1980) em suas pesquisas atribui a crise econômica no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial a migração de pessoas do interior para as cidades mais desenvolvidas como Recife, e esses populares divertiam-se a seu modo na época de carnaval e que ao juntarem-se aos recifenses resultou o agrupamento chamado popularmente de Maracatu-de-Orquestra. “A presença nele de membros dos velhos cortejos recifenses; a inclusão de músicos populares executando instrumentos de sopro e, sobretudo, a participação de foliões procedentes de diversas localidades pernambucanas” (GUERRA-PEIXE 1980, p. 91).

O sofrimento de abandonar sua terra, para conseguir sobreviver na capital, está ligado às intenções de preservar as tradições da Zona da Mata que conforme afirma Vicente (2005). Para ele “os trabalhadores se adaptaram a uma nova realidade social utilizando suas próprias tradições e brincar maracatu foi uma delas reunindo os amigos para matar as saudades dos tempos de engenho e reforçar os laços” (VICENTE, 2005, p.33). Conforme seu pensamento não se tinha notícia de Maracatu Rural em Recife até a década de 30, pois para a Federação Carnavalesca Pernambucana formada por folcloristas e comerciantes a palavra maracatu referia-se aos grupos de baque virado e só esses grupos eram aceitos por ela.

Em 03 de janeiro de 1935 no Recife é fundada a Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE), constituída por intelectuais, políticos e empresários de grande prestígio econômico e Social instituiu um concurso de agremiações com fins de “harmonizar as agremiações carnavalescas, dar-lhes sadia orientação, educá-las, encaminha-las para os princípios mais elevados” (RIBEIRO, 2010, p. 188)

Guerra-Peixe (1980) observa que esses grupos de Maracatu Rural não se encontravam filiados à Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE), pois a mesma considerava uma deturpação dos velhos maracatus e só com a organização e sistematização de elementos hoje característicos vieram a mudar o posicionamento

da Federação Pernambucana. Essa observação ajuda a compreender a formação dos primeiros grupos de Maracatus Rural, assim como a adição de personagens do Maracatu Nação devido a exigências da Federação Carnavalesca de Pernambuco que conforme o autor considerava o Maracatu Rural uma deturpação dos velhos maracatus.

A FECAPE era responsável pela organização dos festejos, foi quem definiu as categorias das agremiações carnavalescas de rua como: clube de frevo, troça, bloco, maracatu nação ou de baque virado e caboclinhos. Ficando fora da lista os populares ursos e bois de Carnaval e os maracatus de baque solto. E assim Vicente (2005) discorre que:

Com o passar dos anos, o maracatu de baque solto foi aceito pela Federação, porém, com várias restrições. Esses maracatus tiveram que incorporar os personagens da corte real (núcleo do maracatu nação), permitir a participação de mulheres e ter uma ala mirim cujo intuito seria o de garantir a continuidade do folguedo. Mesmo assim eles figuravam na segunda categoria, enquanto que os maracatus nação considerados tradicionais e legítimos, desfilavam na primeira categoria. Na década de 40 o Maracatu de Baque Solto passou a ser reconhecido como uma categoria diferenciada. (VICENTE, 2005, p.34)

Silva (2012) relata que só no ano de 1990 é que nasce a Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS-PE), criada em 28, na cidade de Aliança com a participação de 13 agremiações de maracatu. Seus objetivos eram preservar, valorizar e divulgar manifestações artísticas e populares de Maracatus de Baque Solto; promover ações socioeducativas por meio da assistência às comunidades rurais e urbanas; e, apoiar a criação legal de grupos que desenvolvessem atividades relacionadas aos objetivos da Associação.

O concurso que foi criado pela FECAPE e assumido pela Prefeitura do Recife a partir de 1956, está composto atualmente por 11 modalidades, quais sejam: Troças Carnavalescas, Clubes de Frevo, Clubes de Boneco, Blocos de Pau e Corda, Maracatus de Baque Solto, Maracatus de Baque Virado, Caboclinhos, Tribos de Índios, Bois de Carnaval, Ursos (La Ursa) e Escolas de Samba.

Em 2018 as apresentações do concurso da Prefeitura do Recife, conforme Regulamento do Concurso de Agremiações Carnavalescas¹², foram distribuídas em quatro grupos, sendo eles: grupo especial, grupo I, grupo II e o grupo de acesso,

¹² Regulamento do Concurso de Agremiações Carnavalescas 2018 disponível em: < http://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/regulamento_do_concurso_de_agremiacoes_2018_0.pdf > Acesso em: 23.mar.2018.

existindo uma quantidade limite para cada modalidade para o maracatu de baque solto, distribuídos da seguinte forma: no grupo especial são 08 (oito) agremiações, o grupo I são 16 (dezesesseis), o grupo II são 20 (vinte) e por fim o grupo de acesso com 20 (vinte), e esse grupo em particular é limitado a permanência da agremiação nele por até 02 (dois) anos consecutivos, sendo assim passado esse tempo a agremiação tem que se afastar por um ano.

Em cada categoria descerão as duas últimas colocadas e ascenderão a Campeã e a Vice-Campeã de cada Modalidade, cada grupo se apresenta em pólo específico, o tempo de apresentação para o acesso e o grupo II são de 15 minutos; o grupo I, 20 minutos; o grupo especial, meia hora. Os grupos recebem apoio monetário e os três escolhidos como melhores ganham também uma premiação em dinheiro.

Organizado e produzido pelos próprios Maracatus de Baque Solto, através da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS) o Encontro Estadual dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco que teve seu início em 1990 é realizado na segunda-feira na praça Ilumiara Zumbi no bairro de Tabajara em Olinda e no domingo e terça de carnaval no Terreiro Leda Alves na sede da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco, na cidade de Aliança/PE.

O encontro de Maracatus reúne cerca de 15 mil brincantes de Maracatu de Baque Solto dos mais de cem maracatus associados, reunindo o maracatu mais antigo, o Maracatu Cambindinha de Araçoiaba de 1914, aos recém-chegados que são o Maracatu Pavão Voador de Buenos Aires e o Dragão Devorador de Igarassu ambos criados em 2017, junto ao público que vem apreciar e transforma tudo isso em uma grande festa popular.

De acordo com os dados fornecidos pela Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS) no carnaval 2018 o Encontro Estadual dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco contou com a participação de 99 maracatus dos 102 associados, destes 23¹³ maracatus se apresentaram em Aliança no domingo dia 11

¹³ Leão Vencedor de Buenos Aires; Cambinda Nova de Nazaré da Mata; Águia Dourada de Carpina; Beija Flor de Ferreiros; Águia de Ouro de Nazaré da Mata; Beija Flor de Aliança; Leão Misterioso de Tracunhaém; Estrela Formosa de Vicência; Leão da Serra de Vicência; Leão da Vitória; Estrela da Serra de Tracunhaém; Leão Brilhante de Carpina; Leão Coroadinho de Lagoa do Itaenga; Leão da Serra de Carpina; Leão Tucano; Leão Mimoso de Upatininga; Leão das Fronteiras de Itambé; Leão Faceiro de Nazaré da Mata; Leão Africano; Pavão Misterioso de Upatininga; Estrela de Ouro de Aliança; Leão da Floresta de Vicência; Leão da Fortaleza.

de fevereiro, 38¹⁴ apresentaram-se em Olinda na segunda-feira de carnaval dia 12 de fevereiro e pra encerrar 38¹⁵ na terça-feira dia 13 de fevereiro de 2018 em Aliança.

O dia mais esperado pelos integrantes de maracatu sem duvida são os dias de carnaval é quando seu brinquedo sai pelas ruas das cidades mostrando toda a grandiosidade dessa brincadeira, porem antes do período carnavalesco existe muita movimentação entorno das sede dos maracatus não é movimento de confecção de fantasias e adereços e sim a movimentação dos ensaios de sede ou de barraca ou então uma grande sambada ou sambada de pé-de-parede os ensaios ou sambadas acontecem nas sedes dos maracatus por volta das 22h só terminando com o raia do dia é através dos ensaios que os maracatus se reúnem em torno de seu mestre e do terno promovendo assim a afinação do mesmo ou o esquento do terno que é o termo mais utilizado fazendo aquecimento para o carnaval.

É na sambada que ocorre os desafios entre dois Mestres que improvisam suas rimas. As construções poéticas variam como os repentes, podem ser um samba em quatro, em seis ou em dez linhas, um samba curto, um samba longo, um galope ou uma marcha e o final dos versos são respondidos (repetidos) por baianas de voz aguda ou pelo contramestre.

¹⁴ Leão Faceiro de Araçoiaba; Leão das Cordilheiras de Araçoiaba; Leão Coroado de Araçoiaba; Onça Dourada de Araçoiaba; Pantera da Vila de Chã de Alegria; Leão de Ouro de Canaã; Leão Dourado de Camaragibe; Leão Formoso de Olinda; Cambinda Dourada de Camaragibe; Gavião Misterioso; Leão de Ouro de Condado; Águia de Ouro de Olinda; Leão de Ouro de Nazaré da Mata; Leão Formoso de Nazaré da Mata; Águia Misteriosa de Nazaré da Mata; Águia de Ouro Casa Amarela; Leão da Mata Norte de Tracunhaém; Águia Formosa de Tracunhaém; Cambindinha de Araçoiaba; Pinguim de Araçoiaba; Pantera Nova de Araçoiaba; Piaba de Ouro; Leão do Norte da Várzea; Leão Vencedor de Carpina; Águia Dourada de Glória do Goitá; Carneiro Manso; Gavião da Mata; Leão Formoso de Tracunhaém; Pavão Dourado de Lagoa de Itaenga; Carneiro da Serra de Glória do Goitá; Leão Vencedor de Chã de Alegria; Águia de Ouro de Igarassu; Cruzeiro do Forte; Estrela Brilhante de Lagoa de Itaenga; Cambindinha da Lagoa; Águia Dourada de Nazaré da Mata; Águia Dourada de Caaporã; Dragão Devorador de Igarassu.

¹⁵ Leão Vencedor das Flores de Buenos Aires; Leão das Cordilheiras de Glória do Goitá; Onça Pintada do Novo Maracaujá; Pavão Dourado de Tracunhaém; Estrela Dourada de Buenos Aires; Leão da Floresta de Lagoa de Itaenga; Estrela Brilhante de Nazaré da Mata; Leão Coroado de Paudalho; Leão Teimoso de Paudalho; Pavão Voador de Buenos Aires; Águia de Fogo de Ferreiros; Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata; Estrela de Ouro de Condado; Leão da Serra de Goiana; Leão Coroado de Lagoa de Itaenga; Pavão Dourado de Feira Nova; Leão Charmoso de Lagoa do Carro; Cambinda Estrela de Itaquitinga; Estrela da Tarde de Glória do Goitá; Leão das Cordilheiras de Aliança; Leãozinho de Aliança; Pavão Dourado de Chã de Alegria; Leão Misterioso de Nazaré da Mata; Leão do Norte de Glória do Goitá; Leão Coroado de Chã de Alegria; Leão Formoso de Feira Nova; Leão das Cordilheiras de Lagoa de Itaenga; Estrela da Tarde de Lagoa do Carro; Leão Dourado de Lagoa do Carro; Gavião de Ouro de São Lourenço da Mata; Estrela da Tarde de Nazaré da Mata; Leão Mimoso de Buenos Aires; Cambinda Nova de Lagoa de Itaenga; Leãozinho das Flores de Itambé; Leãozinho de Itaquitinga; Leão Coroado de Buenos Aires; Leão Teimoso do Itaenga; Estrela de Tracunhaém.

O maracatu é uma manifestação composta por diversas pessoas simples, geralmente trabalhadores rurais e são essas pessoas que se vestem com suas fantasias no período de momo encarnando personagens para compor as agremiações. Nos atentaremos com mais acuidade aos personagens nas suas singularidades. Os maracatus de Baque Solto são constituídos por vários elementos simbólicos materializados na dança, na música, na poesia, na arte, na sociabilidade, na identidade e sobretudo na religiosidade e na brincadeira. Eles se associam às antigas tradições e divertimentos dos trabalhadores dos antigos engenhos da Zona da Mata Norte Pernambucana. Conforme Silva, (2012), nos momentos de festa e de folga da dura lida nos canaviais, grupos sociais de diferentes localidades e etnias se reuniam para “sambar” nos terreiros dos engenhos, trazendo consigo suas tradições, crenças, criatividade, tensões e formas de brincar, de viver e de ver o mundo.

A narrativa dos Maracatus de Baque Solto se organiza em seu cortejo e por meio dos mais variados personagens, quais sejam Burra, Mateus, Catirina, os caboclos de lança que se dividem em Mestre caboclo, Boca de trincheira, Puxante, Pé de Bandeira, Caboclo de pena ou arriamá, Bandeirista, Dama do paço, Baianas, Rei e Rainha, Mestre, Contra mestre, Terno .

No cortejo do Maracatu Rural a frente do brinquedo vem o Mateus, personagem oriundo do cavalo marinho, traz em suas costas um surrão com apenas um chocalho coberto com palha de bananeira, seu rosto é pintado com carvão, seu chapéu em forma de funil, traz em sua mão uma bexiga de boi e vem assustando as crianças, ao passo que está à procura de sua mulher a Catirina, esse personagem nunca fica parado no cortejo.

A burra ou burrinha vem abrindo passagem com seu domador que tem em suas mãos estalando seu chicote, também chamado de rei, vem animando o pessoal e abrindo passagem. São esses três personagens que vêm à frente do maracatu como abre alas da agremiação, logo depois segue a placa informando os dados do maracatu, depois o símbolo que é o animal que o representa, seguido dos Caboclos de lança que cerca toda a agremiação protegendo-a, o caboclo tem várias funções dentro do maracatu são elas: comandar todos os caboclos do maracatu, executam as manobras, proteger o estandarte. Nos atentaremos com mais acuidade aos personagens nas suas singularidades na seção seguinte, na qual discutiremos a constituição do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

4. MARACATU LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA

Para falar do Maracatu Leão do Norte da Várzea se faz necessário falar um pouco desse bairro que também dá nome ao maracatu. O bairro da Várzea está situado na Região Político Administrativa IV (RPA4) na zona Oeste do Recife com uma área territorial de 22,55 km² e população residente de 70.453 habitantes¹⁶ é o segundo maior bairro em extensão do Recife, é cortado pelo rio Capibaribe, um bairro de clima agradável e de comércio não expressivo.

Possuidora de grandes centros culturais com: o Instituto Ricardo Brennand; O ateliê Francisco Brennand; o Conservatório da Várzea; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (datada de 1612) entre outros, mesmo possuindo esses centros culturais é na praça da Várzea como é chamada a praça Pinto Damásio¹⁷ o grande palco dos eventos culturais que acontecem no bairro promovidos pela população local, pelo poder público, e outros proporcionando grandes amostras culturais.

Do que formavam as antigas terras da Várzea do Capibaribe hoje são vários bairros e um deles é o bairro da Brasilit onde encontra-se situado a sede social provisória do Maracatu Leão do Norte da Várzea, o bairro que teve sua ocupação na década de 1950, com a maioria das famílias de baixa renda contou com ajuda do prefeito Miguel Arraes que fornecera material de construção e abastecimento d'água.

É no bairro da Brasilit que nasce o maracatu no ano de 1993 e como muitos maracatus que nasceram nas décadas de 30 surge na periferia da cidade do Recife, e que diferente dos maracatus de outrora que eram formados na sua maioria de trabalhadores advindos da zona rural de Pernambuco, os integrantes do Leão do Norte da Várzea são em sua maioria da cidade do Recife, pessoas cujo os pais eram oriundos de cidades do interior de Pernambuco, em sua maioria trabalhadores domésticas, pedreiros, pintores, carroceiros trabalhadores informais, muitos não conheciam o maracatu, outros não acreditavam que no bairro da Brasilit estivesse saindo um maracatu rural.

O Maracatu de Baque Solto Leão do Norte da Várzea iniciou aos 15 dias de fevereiro do ano de 1993, no bairro da Brasilit, Recife/PE. Seu fundador Gilson Pereira de Mendonça amante, brincante e admirador do Maracatu de Baque Solto, após anos

¹⁶ PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Serviços para o cidadão. Disponível em : < <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/varzea> > acesso em 11. Jun.2018

¹⁷ PRAÇAS E PARQUES DO RECIFE. Praça da Várzea ou Pinto Damásio. Disponível em: <<http://pracaseparques.com.br/2017/09/09/praca-da-varzea/>> acesso em 11. Jun.2018

brincando em diversos maracatus tanto da região metropolitana do Recife como do interior, juntou alguns amigos e formou um grupo a princípio só com caboclos de lança que brincavam em diversos maracatus.

Nessa época os encontros do grupo ocorriam conforme tradição de esquentar de chocalho no período que antecede o carnaval e o domingo de páscoa, pois era quando eles se reuniam e saíam pela cidade caracterizados de caboclos de lanças e visitavam as Sedes dos Maracatus. O grupo foi crescendo, os filhos foram participando, mais amigos foram entrando e muitas crianças e mulheres começavam a tomar gosto pela brincadeira.

Em 14 de setembro de 2006, Gilson Pereira de Mendonça decidiu oficializar essa brincadeira que já durava 13 anos, tirou a documentação necessária e oficializou o Maracatu Leão do Norte da Várzea, passando assim a desfilar no carnaval e fazer apresentações culturais. Devidamente documentado e oficializado inicia-se uma nova etapa para essas pessoas, com o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) sob o número 08.471.717/0001-23 com Sede Social Provisória a Rua João Sales de Menezes, 56, na Brasília, o Maracatu Leão do Norte da Várzea fez sua primeira apresentação através da FECAPE no dia 01/01/2007 na posse do então Governador Eduardo Campos no Palácio Campo das Princesas sede do Governo do Estado onde aconteceram diversas apresentações culturais.

Seu primeiro ensaio de sede ocorreu no dia 10/02/2007, o ensaio foi uma festa muito bonita que durou a noite como é tradicional nos ensaios de maracatu rural só terminando ao raiar do dia (nascer do sol). Após a festa, os integrantes e os convidados geralmente se recolhem a suas casas ficando poucas pessoas para limpeza e organização da sede que também é a residência do fundador e presidente da agremiação, infelizmente, nessa ocasião aconteceu um incêndio que poderia ter adiado por mais um ano a concretização do sonho de sua primeira apresentação no carnaval do Recife.

Cada festa tem um ambiente familiar. Todo mundo se conhece. Ao término da limpeza e guarda de todo material, geralmente uns adormecem pelo sofá, outros no chão, pois o cansaço era grande, até que repentinamente gritos tomaram o ar: está pegando fogo!. Era os gritos de uma vizinha.

Fogo! Assim começa toda uma mobilização dos vizinhos, familiares e integrantes do maracatu para apagar as chamas que se espalhavam pelas fantasias que estavam acondicionadas na parte externa da casa, especificamente, nos surrões

e nas guidadas devido o material ser de fácil combustão, pois são confeccionados com espuma, madeira cola e fitas de cetim.

Na época do incidente a comunidade passava por um racionamento d'água aumentando a dificuldade de conter as chamas que só cresciam, e assim mais vizinhos foram chegando carregando baldes, pois o reservatório existente estava vazio, mesmo com os vizinhos trazendo água o fogo aumentava, assustadoramente, foi então que resolveram tentar tirar a os materiais que estavam uns sobre os outros para diminuir as chamas e separando os surrões das guidadas jogando-os na areia, fizeram com que as chamas se dissipassem.

Incrível um incêndio nessas fantasias que estavam acondicionados em uma área limpa sem material inflamável por perto, tudo aconteceu tão rápido que ninguém chegou a acionar o corpo bombeiro, passado o susto chegava a hora de averiguar os prejuízos: 35 guidadas totalmente consumidas pelo fogo ficando só a madeira queimada parecendo carvão, dos 35 surrões só os chocalhos ou campá, como é chamado, estavam em condições de serem reutilizados, pois os mesmos são confeccionados em ferros, as armações de madeira e revestimento de espuma todos queimados teriam que ser refeitos.

Faltava apenas uma semana para o domingo de carnaval, nossa agremiação que estava só aguardando o período de momo chegar volta ao ponto de partida sem nada para os caboclos vestirem. O fogo acendeu uma chama nos sentimentos de pertencimento da comunidade fazendo com que os vizinhos e brincantes unissem força e coragem para que faltando uma semana para o carnaval (re)construíssem o que foi destruído pelo fogo, sem dinheiro para comprar mais materiais e assim confeccionar o que foi destruído, o maracatu contou com a colaboração de outros maracatus como o Cambinda Dourada da Cidade de Camaragibe e o Cruzeiro do Forte da Cidade do Recife através de doação de materiais, na união dos vizinhos que chegavam a noite depois do trabalho e seguiam à sede do maracatu para ajudar na confecção das fantasias. Esse movimento seguiu dessa forma até o domingo de carnaval, vale ressaltar que o maracatu deveria estar pronto para se apresentar no Sábado de Zé Pereira as 20:00h no polo da Piracicaba em Jardim São Paulo e assim o fez.

As apresentações no ano de 2007 seguiu conforme esperado com a primeira participação do Maracatu Leão do Norte da Várzea no Concurso das Agremiações da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) na categoria aspirante, nos polinhos

multiculturais no bairros das Barreiras, no Encontro Estadual da AMBS na casa da Rabeca e na Praça Ilumiara Zumbi, e no mês de abril desse mesmo ano foi convidado pela FECAPE para se apresentar na Festa da Pitomba em Jaboatão dos Guararapes.

O ano de 2008 foi bem agitado para o maracatu, pois além das apresentações no período carnavalesco como: o concurso das agremiações da Prefeitura da Cidade do Recife no grupo dois onde permaneceu até o ano de 2011, o Encontro Estadual da AMBS na casa da Rabeca e na Praça Ilumiara Zumbi o qual seguimos firmes até o presente momento, aumentou a quantidade de apresentações nos Polos Multiculturais sendo convidado a se apresentar nos Polos da Torre onde seguimos com essa apresentações até o ano de 2011, o polo das Barreiras ficando até o ano de 2010, os polos Beberibe e Detran só aconteceu nesse ano mesmo.

Figura 2. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, Polo Beberibe.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2008.

No decorrer do ano de 2008 foram aparecendo apresentações para o maracatu sendo o mesmo convidado a participar do congresso dos estudantes Encontro da Juventude, no centro de convenções em Olinda, no encerramento do I Encontro de Herpetologia e Mastozoologia em Pernambuco, no I Encontro Pernambucano de Tecnologia Popular e Economia Solidaria, na Universidade Federal Rural de

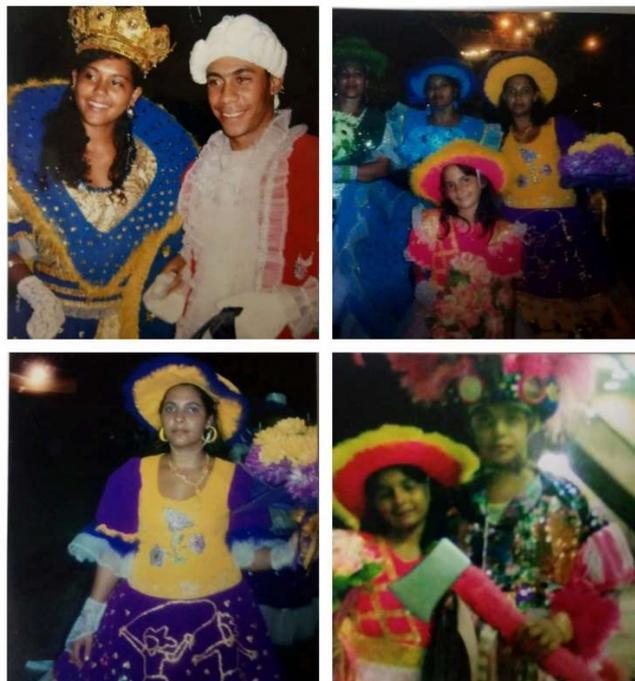
Pernambuco, recebemos convite da FECAPE para participar da gravação do DVD da Banda Scorpions no Chevrolet Hall em Olinda/PE, e por fim uma apresentação no Mercado Multicultural da RPA4 pela PCR.

Figura 3. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Chevrolet Hall.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2008.

Figura 4. Apresentação do Maracatu no Congresso dos estudantes Encontro da Juventude, no centro de convenções em Olinda.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2008.

Para o ano de 2009 acrescentamos a nossa lista os Polos Multiculturais da Mustardinha onde fizemos apresentações até 2010, conseguimos junto com a comunidade que o maracatu rural que normalmente se apresenta em forma de cortejo, executasse apresentação de palco no Polo da Várzea e seguimos esse formato de apresentação em palco no polo da várzea até o ano de 2013, apresentação no Summerville Beach Resort em Muro Alto, estivemos juntos na inauguração de dois Pontos de Cultura o do Maracatu de Baque Solto Pinguim na cidade de Araçoiaba e a Sambada da Laia na cidade de Camaragibe.

Figura 5. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, Summerville Beach Resort em Muro Alto.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2009.

Em 2010 conseguimos ser contemplados com uma apresentação em Itamaracá através da FUNDARPE, e pela PCR os Polos Multiculturais do Bongü, Roda de Fogo onde seguimos nesse polo até o ano de 2012.

Figura 6. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no palco do polo da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2012.

O ano de 2011 traz uma satisfação muito grande, pois conseguimos que o Maracatu Leão do Norte da Várzea conquistasse o vice-campeonato do Concurso das Agremiações da PCR, permanecemos nesse grupo até o ano de 2015 ano em que voltamos ao grupo dois permanecendo nele até o momento, e foi também que conseguimos participar dos Polos Multiculturais de Areias, Jiquiá, Barro, Afogados e fora do período do carnavalesco fizemos apresentação na Virada Multicultural do Recife na Praça do Arsenal no Recife Antigo. Em 2012 apresentação no condomínio em Pau Amarelo.

Figura 7. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no condomínio em Pau Amarelo, Paulista.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2012.

Em novembro de 2013 nos mudamos, mas não saímos do bairro da várzea e com isso mais pessoas conheceram o maracatu passaram a brincar e garantir que a cultura permaneça viva. Também ocorreu apresentação na comemoração dos 67 anos da Universidade Federal de Pernambuco UFPE.

Figura 8. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, comemoração 67 anos da UFPE.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2013.

Em 2014 participamos do corredor da folia no Buracão e na UR-02 Ibura, também foi o primeiro ano que o maracatu que é da Várzea conseguiu se apresentar no Encontro de Maracatu de Baque Solto que é do bairro proporcionado através da PCR e em 2015 desfilamos no Bloco Bacalhau do Rei na rua da lama no cordeiro.

Figura 9. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, polo da Torre.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2015.

Os anos de 2016, 2017 e 2018 além do concurso das agremiações e encontro da AMBS, também participamos dos Polos de Brasília Teimosa e da Várzea respectivamente.

Figura 10. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, polo de Brasília Teimosa



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2015.

Figura 11. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Encontro Estadual da AMBS na Praça Ilumiara Zumbi.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2016.

Figura 12. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Polo da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2017.

Figura 13. Apresentação do Maracatu Leão do Norte da Várzea, no Encontro Estadual da AMBS na Praça Ilumiara Zumbi.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2018.

4.1 A MEMÓRIA DO MARACATU LEÃO DO NORTE DA VÁRZEA PELOS SEUS PERSONAGENS

4.1.1 Mateus, Burra e Catirina

Catita como é chamada a Catarina ou Catirina no maracatu é a esposa do Mateus, é um homem vestido de mulher com um lenço amarrado na cabeça e seu rosto pintado com carvão vem no cortejo com um jereré em sua mão como se estivesse pescando, na verdade ela vem pedindo dinheiro, alimento, água, pois no passado a catita era a responsável pela captação de alimento para o maracatu e era quem pedia autorização para o maracatu entrar nas propriedades e se apresentar. A palavra catita¹⁸ se faz em

¹⁸ Conversa com Manoel Salustiano Filho, conhecido como Manuelzinho Salustiano, primeiro dos 15 filhos de Mestre Salustiano, é percussionista, brincante, bordador e presidente da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco que reúne mais de 100 grupos de maracatus. Fonte < <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12751563/entrevista-producao-cultural-no-brasil/6> >

alusão ao ratinho de cozinha que surrupia os alimentos que encontram-se fácil, era isso que a catita fazia enquanto o maracatu se apresentava no terreiro, ela entrava nas casas pela parte de traz e carregava todo o alimento que estivesse posto na mesa pelos proprietários, claro isso tudo em forma de brincadeira. Esses alimentos eram deixados sob a mesa para que ela pegasse e quando a catita saia da casa em desabalada carreira era o sinal para o maracatu partir.

O Mateus a Burra e a Catirina¹⁹, são personagens de fantasias simples sem brilho e que precisam sujar o rosto com carvão, sem falar que precisam interagir com os espectadores.

No Leão do Norte esses três personagens²⁰ são executados por pessoas diferentes, e sempre alguém se prontifica para vestir essas fantasias na véspera do carnaval no decorrer de 12 anos foram vários Mateus, Burra e Catirina, destacando os primeiros brincantes dessas fantasias Dorgival conhecido como gabiru foi quem montou e deu vida a Burra do maracatu e esteve no comando da mesma até o ano de 2011, Júnior de Lola (In Memoriam) como era conhecido o Mateus que iniciou ainda criança no maracatu e Thiago a Catirina (in memoriam) brincou pouco tempo mas deixou saudades.

Figura 14. Mateu, Burra e Catirina do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2011.

¹⁹ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante a conversa com Cremilda Souza, Baiana e diretora do Maracatu Leão do Norte da Várzea para compor essa pesquisa.

²⁰ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante a conversa com Gilson Mendonça, presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea para compor essa pesquisa.

Em 2018 esses personagens foram executados por Gabriel (Biel), Genilson e Lucas (Laranjinha) adolescentes que conheceram o maracatu e se encantaram e brincam em qualquer personagem²¹.

Figura 15. Mateu, Burra e Catirina do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2018.

4.1.2 Os caboclos de lança

Os caboclos de lança é uma das figuras mais conhecidas do Maracatu Rural, seja pela riqueza, brilho de sua fantasia, ou por estar em maior número de integrantes na agremiação. É um dos principais personagens do Maracatu Rural considerado símbolos do carnaval de Pernambuco são guerreiros representante dos índios, ligados a macumba linha indígena da umbanda. “O caboclo de lança é um personagem guerreiro que guarda consigo um forte sentimento, mágico, religioso no mundo complexos de motivações, materiais e espirituais” (SILVA, 2005, p.95).

Ao caboclo de lança existem rituais de preparação antes do carnaval e o calçamento de suas fantasias. Contudo, muitos grupos, vem dando novo significado a tais rituais, e em alguns grupos muitos integrantes já não realizam as “obrigações”.

Sobre essa ligação religiosa dos Maracatus, assinala Guerra-Peixe:

É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do Maracatu tradicional – ‘nagô’, como dizem, no sentido

²¹ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Lucas (Laranjinha) a Catirina do Maracatu Leão do Norte da Várzea no ano de 2018.

de africano – é constituída, maioria, por iniciados nos Xangôs; a que prefere o Maracatu-de-orquestra, tende para o Catimbó, culto popular de características eminentemente nacionais. Ao que parece há procedência nas informações, pois nos cânticos do Maracatu-de-orquestra é constante o aparecimento de vocábulos como 'aldeia', 'caboclo', 'jurema' e outros – todos refletindo identificações que acusam a preferência religiosa dos participantes.” (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 23).

O caboclo de lança está distribuído no maracatu como: Mestre Caboclo é quem comanda todos os caboclos do maracatu e quem dá sinal para que os Caboclos Puxante comecem as manobras. Os Boca de Trincheiras são dois e estão localizados entre o Mestre Caboclo e os Caboclos Puxante são como sentinelas e acompanham os Puxante nas manobras. Caboclo Puxante é o caboclo que fica à frente do cordão e que puxa os demais caboclos que estão atrás dele, são dois os Puxantes localizados na frente de cada fileira de caboclo. Caboclo Pé de Bandeira são dois e tem a função de salvaguardar a bandeira do maracatu, e por fim, o Caboclo de Cordão são os caboclos que segue os Puxantes e estão em maior quantidade no maracatu.

O vestuário dos caboclos de lança é algo bem peculiar, não se encontra nada parecido em outro festejo. Eles usam um surrão nas costas confeccionado em madeira e espuma com chocalhos ou campã como é chamado por eles (feitos de chapa de ferro ou até mesmo de um extintor de incêndio cortado ao meio) que emitem som à medida que eles se movimentam, para cobrir a armação de madeira do surrão usa-se uma gola feita de veludo e bordada com lantejoulas coloridas que formam desenhos com diversos temas e em sua barra coloca-se uma franja de lã.

Na cabeça faz-se uso de um chapéu revestido por papéis coloridos cortados em tiras finas denominados de chicote colados em uma armação de arame envolvido por papel e cola que dá volume ao apetrecho.

Sua veste é composta por calça colorida com bermuda de pelúcia ou veludo até o joelho sobreposta por um meião, camisa de manga comprida e colorida, sapatos tipo tênis, carregam em suas mãos uma guiada que é uma lança com ponta revestida por fitas xadrez, pintam o rosto com batom vermelho, urucum ou tinta, usam óculos escuro, carregam sempre um galho de arruda atrás da orelha e um cravo branco na boca para proteção.

Figura 16. Fantasia do Caboclo de lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2009.

Nossos caboclos são tantos e já passaram tantos outros por esse lugar. Em sua maioria começaram a brincar quando criança, continuaram na adolescência, o Leão do Norte consegue reunir nos dias de carnaval os caboclos de bairros aqui do Recife como: Detran, Nova Descoberta, Roda de Fogo, cordeiro, mas gostaria de registrar em especial um caboclo de lança cuja sua história sei contar, esse caboclo começou sua trajetória dentro do maracatu aos 2 anos de idade um bebê ainda, que de tanto ver seu pai fantasiado pediu pra fazer sua roupa de “tum tum” como ele chamava o maracatu brincou seu primeiro ano como caboclo²² no Maracatu Cruzeiro do Forte em 2004 acompanhando seu pai que na época brincava como bandeirista desse maracatu ele relata em conversa que sente um amor pelo maracatu que foi transmitido pelo seu pai e que quando escuta o terno tocar seu coração acelera e isso ele caracteriza como amor, amor pela cultura herdada pelo seu pai.

²² Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Pedro Ivison Mendonça Caboclo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

Figura 17. Caboclo de lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2008.

No ano de 2010 aos 07 anos de idade depois de ver seu pai ser campeão no Concurso de Porta Estandarte, Flabelista, Mestre Sala e Porta Bandeira adulto na modalidade Maracatu de Baque Solto, pediu pra fazer sua roupa de bandeirista porque no ano seguinte iria participar e assim o fez e conseguiu ser o vice-campeão no Concurso de Porta Estandarte, Flabelista, Mestre Sala e Porta Bandeira Mirim na modalidade Maracatu de Baque Solto, pois bem esse Caboclo, bandeirista, arreiamas que hoje tem 15 anos é o Pedro Ivison, filho caçula de Gilson presidente e Suethene vice-presidente do Maracatu Leão do Norte essa que vos fala.

Assim como Pedro Ivison tivemos vários outros caboclos de lança que começaram ainda criança como Alisson, Luquinhas, Josenildo e seu irmão Leonildo (In memoriam), Paulinho que agora prefere brincar como bandeirista, Joãozinho e seu irmão Douglas mais conhecido como Goguinha, Pablo, Italo, Breno, Carlinhos e seu irmão Genilson entre outros, alguns continuam brincando maracatu, alguns se

afastaram mas guardam em sua lembrança os bons tempos de brincadeira, enquanto outros foram afastados²³, pois como vivemos em uma comunidade carente da periferia do Recife a droga é presença constante e muitas vezes inevitável.

Figura 18. Concurso de Porta Estandarte.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2010 e 2015.

E como seria impossível relatar todos os caboclos de lança do maracatu deixo alguns nomes que estão ou estiveram junto a essa brincadeira que já dura 25 anos como senhor Biu de Preta que tem mais de 80 anos e ainda brinca maracatu, agora não mais como caboclo e sim no terno tocando seu tarol. Zé de Barros²⁴ nosso Mestre Caboclo que relata que só deixa de brincar maracatu quando morrer seu filho Leonardo Barros o caboclo boca de trincheira do maracatu que também herdou do pai o amor pela cultura, Chiquinho²⁵, Arranca toco, e Titela que agora brincam em outro maracatu mas não esquecem o Leão do Norte da Várzea e dizem que sempre que o maracatu precisar de caboclos pode contar com eles para apresentações fora do carnaval, Robson Mendonça²⁶ filho de Gilson Mendonça que em

²³ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Gilson Mendonça Presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

²⁴ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com José de Barros Mestre Caboclo do Maracatu Leão do Norte da Várzea

²⁵ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Chiquinho Ex-caboclo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

²⁶ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Robson Mendonça, Caboclo e Diretor do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

conversa disse que a relação dele com o maracatu é de amor e que dentro do maracatu ele brinca em qualquer figura

Figura 19. Caboclos de Lança do Maracatu Leão do Norte da Várzea



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2016.

Figura 20. Apresentação no Porto do Recife.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2017.

4.1.3 Dama do passo, Calunga e as Baianas

A Dama do Passo ou Dama da Boneca é a pessoa encarregada de levar a Calunga, que traz consigo a proteção do Maracatu Rural e somente ela tem acesso a boneca, a pessoa escolhida para essa função se submete a algumas exigências religiosas como abstinência sexual e não pode estar menstruada no período do cortejo.

A palavra Calunga conforme Andrade (1959, p.140-141) é oriunda dos dialetos Bantos e no Brasil foi adquirido vários sentidos, dos quais ele apresenta quatro, são eles: planta rustica, um camundongo, um boneco e um indivíduo vadio e ratoneiro. A calunga é símbolo religioso dentro do maracatu. Nos meses antes do carnaval inicia-se o trabalho de preparação, onde são oferecidos trabalho aos espíritos e a calunga recebe todas as energias dos santos, todo o Axé, passando a ser o elemento central da simbologia do ritual do maracatu, impedindo as malquerenças e maus olhados, e assim a boneca é calçada absorvendo os bons fluidos.

Nesses treze anos já tivemos três Damas do Passo Dona Inalda foi a primeira Dama do Passo do Leão do Norte da Várzea, mas só ficou à frente da boneca por dois anos, em seguida quem assumiu a boneca foi Regina que era baiana e permaneceu brincando por 6 anos com a boneca saindo por motivo de saúde, a partir de então quem assume a boneca é Edna Daiane que brinca no Leão do Norte desde de criança .

Figura 21. Calunga do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2018.

Figura 22. Primeira Damas do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2009.

Me aguarde Gilson que eu estou voltando para minha boneca²⁷ estou me recuperando para voltar 100%, foi o que Dona Regina nos disse sobre sua volta ao maracatu.

Figura 23. A segunda Dama do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2016.

²⁷ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Regina a pessoa que mais tempo conduziu a boneca do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

Figura 24. Dama do Passo do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2018.

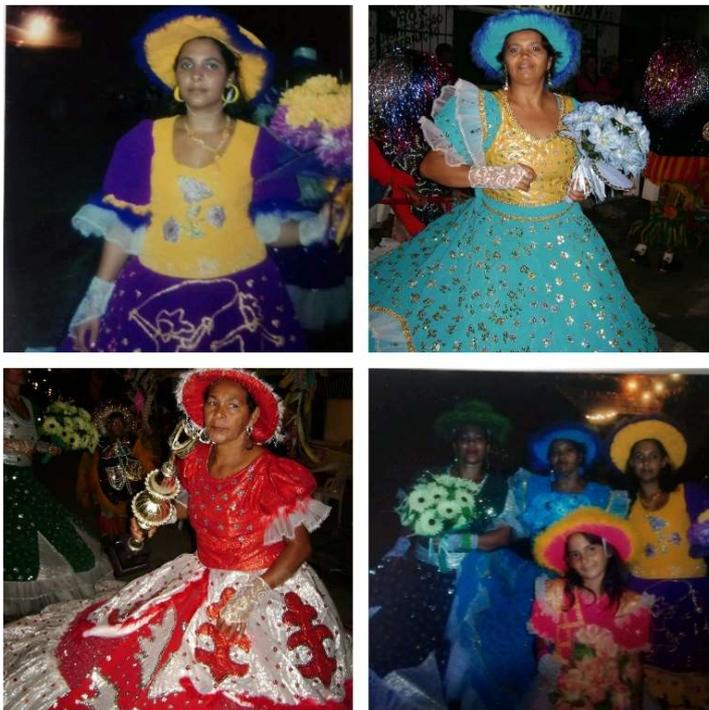
Quem conduz a boneca atualmente é Edna Daiane²⁸ minha sobrinha que também brinca maracatu desde criança e começou com arriamá depois foi ser baiana saiu por um tempo e agora voltou para conduzir a boneca e é ela quem diz que está com a boneca até a volta da sua Dama do Passo Regina que se afastou por motivo de saúde.

Já as baianas eram tradicionalmente homens vestidos de mulher, mas hoje as mulheres assumiram este papel. Silva (2005, 2005, p. 33) nos diz que “a cultura urbana exigiu uma revisão do espaço da mulher no maracatu, inserindo-a principalmente na corte e no baianal, papel antes ocupado por homens”.

Elas estão localizadas no meio do maracatu usam vestidos longos confeccionados em veludo ou cetim, com uma saia de armação de arame por baixo e quanto aos vestidos são bordados com lantejoulas para dar mais brilho que o tornam mais pesados. As baianas podem trazer em suas mãos um buque de flores ou a representação do símbolo do maracatu confeccionado em madeira, isopor ou emborrachado (EVA) e ficam distribuídas em dois cordões que são puxados por dois arriamás ou pelas puxadoras de cordão que nada mais é do que duas baianas que fazem as manobra ou coreografia e tem esse nome porque logo atrás delas vem as demais baianas em fila indiana.

²⁸ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Edna Daiane Souza Dama do Paço do Maracatu Leão do Norte da Várzea

Figura 25. Baianas do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2008.

Figura 26. Baianas do Maracatu Leão do Norte da Várzea



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação 2018.

Assim, como os caboclos o baianal²⁹ do maracatu Leão do Norte da Várzea começa

²⁹ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Cremilda Baiana e diretora do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

sedo formado a partir da infância cultivando o gosto e o prazer pela cultura desde cedo.

Figura 27. Baianas crescendo junto com o Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentações 2013,2015,2016,2017 e 2018.

4.1.4 Caboclo de Pena ou Arreiamá

Os Caboclos de Pena, também chamados arreiamás, que segundo Assis (1996) quer dizer o “que tira o mal”, representam os índios. Eles usam um chapéu com penas de pavão assemelhando-se a uma coroa e plumas, usam uma gola menor que a do Caboclo de Lança enfeitada com lantejoulas e espelhos, bermuda de veludo ou pelúcia na altura dos joelhos, na cintura, um cinto confeccionado de penas ou plumas de pássaros chamados de saioite. Trazem consigo um machado enfeitado com fitas xadrez e é comum usarem óculos escuros e um apito.

O arreiamá normalmente é desempenhado por um homem pois é um índio, diferente de outros maracatus o Leão do Norte da Várzea tem uma arreiamá em especial que está no grupo desde que começou Leane Barros, filha do mestre de caboclo do maracatu não troca seu chapéu de arreiamá por nenhum vestido bonito³⁰, no decorrer desse tempo vem inspirando outras meninas e mulheres a vestir esse personagem tão lindo que mais parece ser o Rei do maracatu.

³⁰ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Leane Barros arreiamá do Maracatu Leão do Norte da Várzea

Figura 28. Arreiamá do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2009.

Figura 29. Arreiamá do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2016.

4.1.4 A corte

A corte era algo que não existia no Maracatu Rural, foi incorporado devido a exigência da FECAPE para os desfiles de carnaval. Posicionada no centro da agremiação é composta por Rei que usa bermuda justa até os joelhos, camisa, babador, casaco bordado de manga comprida, meias compridas e sapatos com salto, manto, coroa cedro e espada, e Rainha que rainha traja um vestido longo de veludo bordado com lantejoulas e pedras saia de armação, coroa, cedro e espada. Os Vassalos representam escravos e carregam o palio (guarda sol colorido) e os lampiões e trajam bermuda e colete em cetim.³¹ Procuo colocar na posição de vassalos e lampiões os meninos menores que ainda não conseguem carregar o surrão para brincar de caboclo.

No início do Leão do Norte da Várzea a nossa corte só possuía a rainha Karla sobrinha do fundador do maracatu, pois ninguém queria ser o rei, até que o senhor Pedro Silveira sogro de Gilson aceitou participar do maracatu na qualidade de Rei e o posto de Rainha quem assume é sua filha minha irmã Cremilda Souza, e esse reinado de pai filha segue de 2009 até 2014, pois a partir de 2015 quem assume a corte é Suenya sobrinha da rainha e minha filha, o rei³² é sempre complicado no Leão do Norte atualmente quem está com a coroa de Rei é João Paulo que também começou no maracatu ainda quando criança.

Figura 30. Primeira Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2008.

³¹ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Gilson Mendonça Presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

³² Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Gilson Mendonça Presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

Figura 31. Rei e Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2009.

Figura 32. Rei e Rainha do Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2015 e 2016.

4.1.5 O bandeirista

É a pessoa responsável por levar o estandarte/bandeira da agremiação. Fica posicionado ao lado da Dama do Passo e seu vestuário composto por bermuda justa até os joelhos, camisa, babador, casaco bordado de manga comprida, meias e sapatos bordados com lantejoulas, peruca amarrada atrás em rabo de cavalo na cor branca um laço de fita na nuca e uma outra na ponta do rabo de cavalo.

O estandarte ou bandeira como é chamado no maracatu de baque solto é o símbolo da agremiação ele é confeccionado em veludo e bordado com lantejoulas e traz todas as identificações do maracatu como nome, ano de fundação e um escudo com símbolo que representa a agremiação normalmente um animal como leão, piaba, pavão, carneiro entre outros.

O bandeirista do Leão do Norte da Várzea, Gilson Mendonça que também é presidente e fundador do maracatu, pessoa que trouxe para o bairro da Várzea um maracatu rural na sua essência, amante entusiasta da Cultura Pernambucana que a 25 anos constrói uma relação com o bairro através do Maracatu leão do Norte da Várzea, que acolhe todos os integrantes no seio de sua família, é assim que as pessoas que brincam no maracatu se sentem e percebem com a recepção, o cuidado, a atenção que é dada aos novatos e o carinho que recebe os mais antigos, nesses 12 anos de formação do maracatu Leão do Norte da Várzea Gilson na qualidade de bandeirista conseguiu alguns prêmios como campeão no Concurso de Porta Estandarte, Flabelista, Mestre Sala e Porta Bandeira adulto na modalidade Maracatu de Baque Solto e formou outros bandeirista campeões como seu cunhado João Paulo Souza, seu filho Pedro Ivison e sua filha Suenya em especial no ano de 2015 em que a alegria foi intensa³³ ao ver sua filha ganhar o primeiro lugar no concurso junto com ele, e no ano de 2016 Gilson recebe o troféu de campeão categoria adulto junto como o seu filho Pedro Ivison que foi vice-campeão categoria infantil.

É muito difícil encontrar uma mulher³⁴ conduzindo uma bandeira de maracatu é uma posição exercida tradicionalmente por homens mas nada impede que mulheres possam conduzir tanto que fui incentivada pela minha mãe e meu pai a participar do concurso.

³³ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Gilson Mendonça Presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

³⁴ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Suenya B. de Souza, que atualmente brinca com rainha do maracatu Leão do Norte da Várzea.

Figura 33. Bandeirista e bandeira do maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, apresentação carnaval 2008.

Ao participar³⁵ do concurso de bandeirista pela primeira vez em 2009 não pude concorrer porque só tinha uma pessoa inscrita no caso eu, então comecei a divulgar entre os brincantes de maracatu e no ano seguinte 2010 fui campeão concorrendo com outros bandeiristas.

³⁵ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com Gilson Mendonça Presidente do Maracatu Leão do Norte da Várzea.

Figura 34. Bandeirista do maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, troféus concurso bandeirista, 2018

Figura 35. Campeã concurso porta estandarte da PCR categoria infantil.



Fonte: Acervo pessoal da autora, troféu concurso bandeirista, 2015.

4.1.6 Orquestra

Composta por instrumentos percussivo tais como: bombo, surdo, tarol, porca (cuíca) gonguê, mineiro (ganzá) e instrumentos de sopro como: trombone, trompete, clarinete e saxofone vem tocando seus instrumentos até o Mestre usar seu apito que é o sinal para que o terno pare de tocar para ele poder entoar as suas marchas, os sambas curtos e o galope.

No Leão do Norte da Várzea os tocadores do terno são contratados para o período de carnaval e nesses 12 anos foram tantos tocadores mas alguns se repete como Sergio que tocou o gonguê do maracatu durante vários anos, senhor Agrilson e Heleno que acompanhou com o bombo muitos anos o maracatu.

Figura 36. Terno Maracatu Leão do Norte da Várzea.



Fonte: Acervo pessoal da autora, carnaval de 2009.

Figura 37. Terno do maracatu leão do norte da várzea



Fonte: Acervo pessoal da autora, carnaval 2018.

4.1.7 Mestre e Contra Mestre

O Mestre e o Contra Mestre carregam uma bengala em sua mão e um apito para guiar o maracatu em suas apresentações, eles fazem as Loas (rimas) de improviso através das Marchas que são versos de 4 linhas, Samba Curto que pode ter 4, 5 ou 6, sendo, o de 6 o mais comum, Samba Comprido geralmente de 10, mas podendo variar para 12, 14, 16, 18 ou 20, e ainda o Galope habitualmente de 6 linhas.

No primeiro ano de formação do maracatu seu mestre Manuel do boi de Paudalho, indicação de um grande amigo e Mestre João Caninha que no ano seguinte aceitaria o convite para ser Mestre do Leão do Norte da Várzea permaneceu até o ano de 2014, voltando em 2016 deixando vago o posto de Mestre do Leão do Norte vindo brincar em 2018 Washington Santana de Nazaré da Mata.

Figura 38. Mestre João Caninha Maracatu Leão do Norte da Várzea



Fonte: Acervo pessoal da autora, Mestre Leão do Norte 2018.

E no melhor estilo de maracatu o mestre João Caninha³⁶ solta uma marcha para compor esse trabalho, vai completar doze anos que meu Leão tem gosto na vida, recordando o passado dos caboclos na avenida.

³⁶ Informações constituídas a partir das anotações feitas durante conversa com mestre João Caninha

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permite entender cultura popular como as manifestações artísticas criadas e consumidas pelo povo e assim consideramos que o Maracatu Rural pode ser compreendido como uma manifestação da cultura popular que se insere no ciclo carnavalesco de Pernambuco. Destarte, sendo uma manifestação da cultura popular que organiza as atividades éticas de um grupo social, e tais manifestações constituem a sua história e a sua memória social.

Estudos e discussões sobre memória atravessam séculos nesse sentido, é interessante ver como informação e a memória convergem em um campo científico como a Ciência da Informação, que é considerada uma área recente e pós-moderna, e os atuais debates no campo da Ciência da Informação exploram os aspectos sociais que cercam o fenômeno informacional e as manifestações culturais que estão fortemente ligadas à questão da memória social e aos processos de significação de um povo e que mesmo no contexto atual em que a informação é vista como elemento essencial para a sociedade, a memória encontra lugar no campo da Ciência da Informação, que direciona seu foco aos processos e fluxos informacionais. Percebo através desse estudo o quanto os profissionais da informação podem contribuir ao atuarem em prol da cultura popular potencializando sua função social, atuando como agentes culturais, disseminando e redefinindo as tendências culturais na sociedade.

E assim como a identidade dos sujeitos são constituídas pelas suas memórias e pela alteridade o grupo de pessoas que compõe o Maracatu Leão do Norte da Várzea reúne várias gerações mantendo viva a tradição do Maracatu Rural em uma comunidade no subúrbio da cidade do Recife.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1959. v.2 (Obras completas de Mario de Andrade)
- AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. **Carnaval: cortejos e improvisos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. 124p. Coleção Malungo; v. 5
- ARAUJO, Rita de Cássia Barbosa de. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. *Estudos Avançados* [online]. 1997, vol.11, n.29, pp.203-216. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100011>> Acesso em: 23 mar. 2018
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- ASSIS, Maria Elisabete A. Cruzeiro do Forte: A Brincadeira e o Jogo de Identidade em um Maracatu Rural. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec/Brasília: Ed. UnB, 2008a. 420 p.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2. ed. -. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 404p
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues,. **A cultura na rua**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 20 abr. 2018.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 385 p. (Ensaio latinoamericanos; 1).
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Entendendo o folclore e a cultura popular. Rio de Janeiro, março de 2002. Texto produzido especialmente para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: < http://www.cnfcp.gov.br/pdf/entendendo_o_folclore_e_a_cultura_popular.pdf > Acesso em: 08.jun.2018
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco**. Recife: CEPE, 2004
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia . **Crítica y emancipación** : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires :

CLACSO, 2008. Disponível em: <
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>> Acesso em: 21
 maio 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite a Filosofia**. 5. ed. São Paulo, SP: Editora Àtica, 2009.

DODEBEI, Vera. O sentido e o significado de documento para a memória social. Rio de Janeiro: 1997, 185f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação.

ESTEVES, L.E. O “contemplar” e o “interagir”: relações entre os turistas e os integrantes do Maracatu _ação Estrela Brilhante (Recife-PE). Recife, 2006, 69 f. Monografia (Graduação em Turismo) Universidade Federal de Pernambuco.

FELIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Usos de memória**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-39.

FERNANDES, Albino Goncalves. Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

FERREIRA, Ascenso. **O maracatu; Presépios e pastoris; O Bumba-meu-boi:** ensaios folclóricos. Recife: Departamento de Cultura, 1986.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GALINDO, Marcos. **O domínio da memória:** em busca de uma epistemologia específica. 2011

GUERRA-PEIXE. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980.

HALL, S. Notas sobre a desconstrução dopopular. In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.231-247.

JORNAL DO COMMERCIO. Cambinda do Cumbe brinquedo centenário. Recife, 05 jan. 2018. Disponível em: <
especiais.jconline.ne10.uol.com.br/maracatucambinda/historia/> acesso em 23
 marc. 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memórias**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MATOS, E.D. Cultura Popular: reflexões. In:Alves, P.C. (Org.). Cultura: múltiplas leituras. Bauru: EDUSC,2010 p.77-92.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações:** comunicação cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2.

ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. João, Manoel e Maciel Salustiano: três gerações de artistas populares recriando os folguedos de Pernambuco. Recife: Associação Reviva, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 148p.

PAJEÚ, Hélio Márcio. A estética da cultura popular na folia de momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão. São Carlos: UFSCar, 2015. 357f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

PEREIRA, Fernanda Cheiran. Arquivos, memória e justiça: Gestão documental e preservação de acervos judiciais no Rio Grande do Sul. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31152/000782676.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 25 abr. 2018

PEREIRA, William Augusto. O Maracatu Cearense como cultura popular tradicional. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/trabalhos-academicos-de-ciencias-sociais/6014084> > Acesso em: 16 mar. 2018.

REAL, Katarina.; SILVA, Leonardo Dantas.; Fundação Joaquim Nabuco. **O folclore no carnaval do Recife**. 2. ed. aum. e atual. Recife: FUNDAJ, Ed.massangana,1990.

RIBEIRO, Mário. Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás: A festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930 – 1945). (Mestrado em História Social da Cultura Regional) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARACEVIC, Tefko . Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspec. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996 disponível em: < <file:///E:/tcc%20andando/memoria/235-630-1-PB%20saravec.pdf> > acesso em: 23. mar. 2018.

SILVA, Severino Vicente da. **Maracatu Estrela de Ouro de Aliança**: a saga de uma tradição. Olinda: Reviva, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. **Festa de Caboclo**. Recife: Associação Reviva, 2005.

SILVA, Edson Hely. Xucuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988. - Campinas, SP : 2008, 299f. Tese (Doutorado em

História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

SOUZA, Suethene Barbosa de; SILVA, Ana Rosa da; OLIVEIRA, Amanda. A Relação do Liber com o Reino dos Países Baixos: preservação e disseminação da memória partilhada entre Brasil e Holanda. In: Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (EREBD/PB), 19., João Pessoa, 24–30 de janeiro de 2016. **Anais...** João Pessoa, EREBD, 2016. p. 1-16

TAVARES, Aureliana Lopes de Lacerda. Análise de risco e preservação digital: uma abordagem sistêmica na Rede Memorial de Pernambuco. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação. – Recife: O Autor, 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória [recurso eletrônico]:** temporalidade, experiência e narração. 2.ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014. 2506 Kb; PDF. Disponível em: < http://editora.upf.br/images/ebook/nas_cercanias_da_memoria.pdf > acesso em: 25 abr. 2018.

Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: < <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00002059.htm> >. Acesso em: 23 mar. 2018

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira.; BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Cambindas da Paraíba.** Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia:** o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

VICENTE, Ana Valéria. **Maracatu Rural:** o espetáculo como espaço social. Recife: associação reviva, 2005.